



*Ariel Milton Pinto de Sousa*

**DESPORTOS COM RISCOS ENVOLVIDOS E  
TRAÇOS DE PERSONALIDADE**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**  
MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

2012

Universidade do Porto  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

## **Desportos com riscos envolvidos e Traços de Personalidade**

**Ariel Milton Pinto de Sousa**

Junho 2012

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia, Ramo de Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Cristina Queirós (FPCEUP).

## **AGRADECIMENTOS**

Este espaço é dedicado à minha sincera gratidão e ao justo reconhecimento por toda a colaboração, compreensão e apoio recebidos.

A concretização deste projecto não se deve apenas a um trabalho académico individual, nem tal seria viável, mas a um conjunto alargado de pessoas que, de forma informada e voluntária, acreditaram que este valia o seu tempo e empenho:

- Desde os atletas, que nos mais variados contextos desportivos preencheram os questionários, até ao apoio dos representantes das empresas de desportos de aventura, pilotagem de ultraleves ou clubes de paraquedismo distribuídos pelo território nacional, que com os seus conhecimentos técnicos na área muito enriquecem a validade deste projeto, todos estão aqui representados.

- A todos os meus colegas de “Saltos”, pelo seu companheirismo e apoio.

- À minha família pelo seu apoio contínuo.

- Agradeço também, e em especial, à Professora Doutora Cristina Queirós pela sua sábia orientação e riqueza científica. Foi para mim um privilégio ser seu Orientando. Todas as palavras de apreço e agradecimento são poucas face a todo o suporte que me proporcionou.

- Finalmente agradeço a Deus pelos meus filhos (Alexandra e Rui) por o serem.

## **RESUMO**

A escolha por uma determinada atividade desportiva com alto risco físico envolvida poderá estar relacionada com características individuais. Os traços de personalidade extroversão e procura de sensações estão fortemente relacionados, surgindo frequentemente em indivíduos que optam por desportos de risco (Eysenck & Zuckerman, 1978).

Este trabalho tem como objetivos conhecer a prevalência dos traços de personalidade (procura de sensações, extroversão, neuroticismo e psicoticismo) num grupo de portugueses consumidores de desportos de alto risco, pouco risco e não desportistas; examinar a relação entre a prática destes desportos e os traços de personalidade dos seus consumidores; e analisar como se associam entre si esses traços e como variam em função da idade, profissão, escolaridade, tempo de prática de atividade, gosto/interesse pela atividade e motivação.

Aplicamos a 50 desportistas de alto risco (paraquedismo, rafting, ultraleves, alpinismo, parapente e B.A.S.E), 46 desportistas de pouco risco (canyoning, canoagem, escalada, futebol, motociclismo, dança, natação, atletismo, polo aquático e musculação) e um grupo de controlo de 54 não desportistas (aproximados em idade e sexo aos grupos experimentais) a escala procura de sensações SSS-V de Zuckerman (1994) e o questionário de personalidade de EPQ-R-S de Eysenck e Eysenck (1996).

Os resultados obtidos revelam-nos que alguns traços de personalidade variam conforme o tipo de atividade desportiva envolvida, mas não foi encontrado um perfil específico e homogéneo do praticante de desportos de alto risco, pouco risco e não desportistas. Não se verificaram diferenças significativas nas dimensões psicoticismo, extroversão e sinceridade da EPQ-R-S, nem nas dimensões DIS e BS da SSS-V. Os não desportistas apresentam maior prevalência na dimensão neuroticismo. Os participantes do grupo de alto risco procuram significativamente mais emoções e aventura do que os do grupo não desportistas. O efeito de risco não se verificou para a profissão e para a avaliação do gosto e interesse da atividade, mas nas restantes variáveis constatámos a existência deste efeito, assumindo o mesmo padrão em todos os casos, sendo que a prática de atividades de risco parece contribuir para o aumento de intensidade dos traços característicos da procura de sensações. Não foi encontrada correlação significativa entre a dimensão extroversão e procura de sensações.

**PALAVRAS-CHAVE:** desportistas de alto risco, extroversão, procura de sensações

## ABSTRACT

The choice of a particular sporting activity with high physical risk involved may be related with individual characteristics. The personality traits extraversion and sensation seeking are strongly related, appearing frequently in individuals who choose to dangerous sports (Eysenck & Zuckerman, 1978).

This study aims to identify the prevalence of personality traits (sensation seeking, extraversion, neuroticism and psychoticism) in a group of Portuguese consumers of high-risk sports, low-risk sports and non-athletes; to verify the relationship between the practice of these sports and personality traits of its consumers, to analyze how they are associated with each other, and how these traits vary according to age, occupation, education, practice time activity, like / interested in these sports and motivation.

We applied the Sensation Seeking Scale-V SSS of Zuckerman (1994) and the personality questionnaire EPQ-RS (Eysenck & Eysenck (1996) to 50 high-risk sports (skydiving, rafting, ultralights airplanes, climbing, paragliding and B.A.S.E.), 46 low-risk sports (canyoning, canoeing, climbing, football, motorcycling, dancing, swimming, athletics, water polo and weightlifting) and a control group of 54 non-athletes (approximate age and sex in the experimental groups)

The results show us that some personality traits vary according to type of sport activity involved, but we not found a specific profile and uniform of the practitioner of high risk sports, low risk sports and non-athletes. There were no significant differences in the dimensions of psychoticism, extraversion and openness of the EPQ-RS, or the dimensions of the DIS and SSS-V BS. Non-athletes show a higher prevalence in neuroticism dimension. Participants in high risk group seek significantly more thrills and adventure than non-athletes group. The effect of risk was not observed for profession and evaluation of taste and interest of the activity, but the remaining variables show the existence of this effect, assuming the same pattern in all cases, that the practice of risky activities appears to contribute for increased intensity of the characteristic traits of sensation-seeking. No significant correlation was found between the extraversion scale and sensation-seeking.

**KEY-WORDS:** high-risk sports, extraversion, sensation seeking

## RÉSUMÉ

Le choix de pratiquer une activité sportive avec risque physique élevé peut être liée à des caractéristiques individuelles. Les traits de personnalité extraversion et recherche de sensations sont fortement liés et apparaissent fréquemment chez les individus qui choisissent de sports dangereux (Eysenck & Zuckerman, 1978).

Cette étude veut identifier la prévalence des traits de personnalité (recherche de sensations, l'extraversion, neuroticisme et psychoticisme) dans un groupe de consommateurs portugais des sports à haut risque, à faible risque et les non-athlètes, vérifier la relation entre la pratique de ces sports et les traits de personnalité de ses consommateurs, analyser comment ils associent les uns avec les autres et comment ces traits varient selon l'âge, la profession, l'éducation, l'activité de temps de pratique, comme / intéressés à l'activité et la motivation.

Nous avons recueilli des données avec l'échelle de recherche de sensations SSS-V de Zuckerman (1994) et le questionnaire de personnalité EPQ-RS (Eysenck & Eysenck, 1996), auprès de pratiquants, étant 50 de sports à haut risque (parachutisme, le rafting, ULM, escalade, parapente et BASE), 46 à faible risque de sport (canyoning, canoë, escalade, football, moto, danse, natation, athlétisme, water-polo et l'haltérophilie) et un groupe de 54 non-athlètes (même âge et sexe des autres groupes).

Les résultats nous montrent que certains traits de personnalité varient selon le type d'activité sportive en cause, mais ne trouve pas un profil spécifique et uniforme du praticien du sport à haut risque, à faible risque et les non-athlètes. Il n'y avait pas de différences significatives dans les dimensions de psychose, l'extraversion et l'ouverture du EPQ-RS, ou les dimensions de la DIS et SSS-V BS. Les athlètes n'ont pas montré une prévalence plus élevée dans la dimension névrosisme. Les participants du groupe à haut risque et d'aventure quête de sensations fortes significativement plus que les non-athlètes du groupe. L'effet du risque n'a pas été observé pour la profession et pour l'évaluation du goût et de l'intérêt de l'activité, mais les autres variables contacté l'existence de cet effet, en supposant que le même schéma dans tous les cas, et la pratique du risque semble contribuer pour l'intensité accrue des traits caractéristiques de la recherche de sensations. Aucune corrélation significative n'a été observée entre l'échelle et l'extraversion la recherche de sensations.

**MOTS-CLÉ:** sports à haut risque, l'extraversion, la recherche de sensations

## ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.1. Personalidade e traços: conceitos e teorias.....	4
1.1.1. Personalidade, Caráter e Temperamento.....	4
1.1.2. Traço de personalidade.....	9
1.1.3. A teoria de Eysenck (modelo PEN).....	11
1.2. Traço de Personalidade Procura de Sensações.....	14
1.2.1. Definição de traço de Procura de Sensações.....	14
1.2.2. Estudos empíricos sobre o traço Procura de Sensações.....	17
1.3. Extroversão e Procura de Sensações: estudos empíricos.....	20
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
2.1. Instrumentos.....	24
2.2. Procedimento.....	28
2.3. Participantes.....	28
<b>3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>32</b>
<b>4. CONCLUSÕES.....</b>	<b>47</b>
<b>5. REFERÊNCIAS . ....</b>	<b>49</b>
<b>6. ANEXO: APRESENTAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>53</b>

## 1. INTRODUÇÃO

*“O barulho é quase ensurdecedor..., sente-se a adrenalina no ar. Vemos as nuvens ao nosso lado! Estamos a 11.000 pés. Quando a porta abre, uma lufada de ar fresco entra... É altura de sair! Nada mais existe para além deste momento. O tempo pára e o medo está presente”* (Celsi, Rose & Leigh, 1993, p.1). Esta é apenas uma das descrições da experiência de salto em paraquedas que podemos encontrar na literatura (Celsi *et al.*, 1993; Shoam, Rose, & Kahle, 2000). Embora pareça um paradoxo uma pessoa colocar-se propositadamente numa posição de risco num mundo que apela cada vez mais à segurança, nas sociedades ocidentais, algumas pessoas procuram ativamente experiências e atividades extremas (Breivik, 2010; Cazenave, Scanff, & Woodman, 2007). Os desportos com alto risco físico envolvidos, ou “extreme”, “X”, “desportos de ação” ou “aventura” (Breivik, 2010; Fletcher, 2008), têm vindo a aumentar nos países desenvolvidos (Langseth, 2011). A assunção voluntária do risco pelo praticante do desporto de alto risco poderá ser entendida como fuga a uma sociedade moderna constrangedora, ou como adaptativa, podendo ser uma expressão de adaptação pessoal para os imperativos culturais mais recentes (Fletcher, 2008; Langseth, 2011). Os desportos de alto risco parecem ser uma forma de libertação de tensões na nova era. Segundo Griffith e Hart (2005, p.71) *“algumas atividades recreativas de alto risco estão na parte mais alta do espectro por existir uma alta probabilidade de lesões ou morte”*. Algumas destas atividades incluem o alpinismo, asa delta, surf de ondas grandes, ultraleves, parapente, paraquedismo.

A escolha do tema “Desportos com riscos envolvidos e Traços de Personalidade”, com especial ênfase para a Procura de Sensações, Extroversão, Neuroticismo e Psicoticismo, reveste-se do facto de, que em contexto português, não parecem ter sido abordados estes traços de personalidade nos consumidores de desportos com alto ou pouco risco envolvidos. Contudo, existem alguns estudos em contexto nacional que abordam os motivos que levam à participação em desportos de aventura (Azevedo, 1994; Martinho, 1997; Martins, 2007). Na escolha do tema também pesou a curiosidade de investigador enquanto praticante de actividades com risco envolvido.

Os desportos de alto risco diferem dos outros desportos pelo facto dos seus consumidores saberem que enfrentam riscos sérios de ferimentos, ou até morte, quando o seu julgamento ou equipamento falhar (Breivik, 2010; Celsi *et al.*, 1993; Lyng, 1990). Risco poderá ser entendido como a parte objetiva da situação associada à situação externa e a parte funcional da satisfação que o indivíduo retira da situação. Para Freixanet (1991, p. 1087) a satisfação retirada dessa situação de risco *“depende da experiência anterior em*



*situações similares e do perfil de personalidade do sujeito*”. Rowland, Franken e Harrison (1986, in Freixanet, 1991) relatam que tanto a necessidade de novas experiências como a atração do alto risco são características do sujeito que procura sensações. Moreira (2008) refere que o traço de personalidade de procura de sensações de Zuckerman (1979) está relacionado com as dimensões da personalidade de Eysenck (1953) e que esta correlação se mantém relativamente constante, apesar das diferenças temporais e culturais. O traço de personalidade de procura de sensações também está associado à participação em determinados tipos de desportos, nomeadamente, aqueles que providenciem sensações invulgares e experiências novas (e.g., paraquedismo, parapente ou alpinismo), bem como, à vontade de correr riscos físicos e sociais.

Segundo Cazenave e colaboradores (2007), o comportamento de risco está associado à procura de sensações como uma expressão de necessidade de novas experiências e autotestes intensos e complexos. Um destes comportamentos de risco é saltar de paraquedas de um avião, classificado como sendo de alto risco (Hymbaugh & Garrett, 1974; Price & Bundesen, 2005; Shoam, Rose, & Kahle, 2000) e um dos mais perigosos do mundo (Breivik, 1991; Pedersen, 1997). Um outro é o alpinismo, que só em Agosto de 2008 vitimou fatalmente 12 alpinistas e feriu muitos outros apenas numa subida ao K2 nos Himalaias. Apesar destas desfavoráveis estatísticas, continua a ser muito procurado (Langseth, 2011). Também Celsi e colaboradores (1993), numa pesquisa através da Sociedade de Avaliação do Risco, encontraram uma média de 49 paraquedistas (1/700 participantes), 50 alpinistas (1/1000) e 41 pilotos de Ultraleves (1/250) mortos por ano e inúmeros outros ficaram feridos. Um outro estudo, de Griffith e Hart (2005) revelou, através do registo de óbitos no paraquedismo, que ocorrem cerca de 34 fatalidades civis em cada ano. Tendo em consideração o número total de saltos, ocorre uma fatalidade para cada 95 mil saltos. As fatalidades neste desporto têm sido referidas em vários estudos (Bjornstig & Westman, 2005; Celsi *et al.*, 1993; Griffith & Hart, 2005; Price & Bundesen, 2005). No entanto, apesar de serem consideradas actividades perigosas (Griffith & Hart, 2005; Price & Bundesen, 2005), existem cada vez mais praticantes do sexo masculino em clubes de paraquedismo e em clubes de desportos radicais por todo o mundo (Harris, Jenkins, & Glaser, 2006). A natureza das emoções geradas por um salto de paraquedas é descrita como “êxtase”, pela procura da sensação através da relação desafio/prazer. Enquanto a excitação e o “fluxo de adrenalina” são mais intensos no início da atividade, este nunca chega a desaparecer verdadeiramente nos mais experientes. Segundo Price e Bundesen (2005, p.1204), *“a ansiedade intensa experienciada pelo iniciado quando vai para o salto*

*e a incrível euforia que se segue, que pode ser sentida até uma semana após o salto, poderão estar na origem da procura e manutenção da actividade*". Celsi e colaboradores (1993, p.16) referem que muitos paraquedistas, especialmente os iniciados ou os de nível intermédio de experiência, admitiam estar "viciados à sensação", que "nunca se fartavam de saltar", ou que "perdiam o interesse noutras actividades e coisas", e que "gastam todo o seu dinheiro no paraquedismo". Hymbaugh e Garrett (1974) encontraram valores mais elevados do traço de personalidade procura de sensações e impulsividade nos paraquedistas em relação aos valores obtidos nos grupos de controlo e referiram que essa tendência parece manter-se ao longo do tempo. Zuckerman (1994) defende que os que procuram sensações demonstram uma tendência para subestimar o risco em relação aos que tem menores valores de procura de sensações.

Assim, este estudo tem como objetivos: conhecer a prevalência dos traços de personalidade (procura de sensações, extroversão, neuroticismo e psicoticismo) numa amostra de 150 portugueses consumidores de desportos de alto risco, pouco risco e não desportistas; examinar a relação entre a prática destes desportos e os traços de personalidade dos seus consumidores; e analisar como se associam entre si esses traços e como variam em função da idade, profissão, escolaridade, tempo de prática de atividade, gosto/interesse pela atividade e motivação. Geralmente, os participantes dos desportos de alto risco obtêm valores altos em procura de sensações, mas em contexto nacional não se conhece esta dimensão, nem são conhecidos os traços de personalidade mais característicos dos seus praticantes. Assim, também se pretende comparar os valores obtidos neste estudo com os valores obtidos por estudos realizados noutros países e conhecidos na literatura.

Segundo Eysenck e Zuckerman (1978), os traços de personalidade extroversão e procura de sensações encontram-se intimamente relacionados, estando ambos presentes em indivíduos que optam por profissões e desportos de risco. Na Psicologia, o estudo da personalidade tem sido explorada como um constructo capaz de explicar as diferenças individuais, proporcionando um marco teórico a respeito das idiossincrasias e estabilidade da conduta de cada pessoa (Allport, 1973). Segundo o mesmo autor isto permite-nos, a partir das características individuais, fazer uma avaliação científica, ou de senso comum, em situações variadas quando se pretende prever as reações ou disposições futuras das pessoas. Apesar das inúmeras variáveis que contribuem para explicação do comportamento humano, ainda é muito promissor o poder explicativo das teorias sobre a personalidade.

Para atingir os objetivos propostos neste estudo, começamos por abordar o conceito de personalidade, implicando este, o conceito de carácter e de temperamento.

Posteriormente será feita referência à noção de traço de personalidade, dando conta das suas múltiplas definições. Em seguida, abordaremos o modelo teórico central dos traços de personalidade da Teoria de Eysenck (“Big Three”). Serão também referidos alguns estudos empíricos sobre traços de personalidade em paraquedistas por ser uma atividade representativa destes desportos com alto risco envolvido e amplamente observada na nossa amostra. O traço de procura de sensação de Zuckerman (1994) será abordado em seguida, descrevendo as suas diferentes definições e reportando também alguns estudos empíricos sobre o tema. No final apresentaremos o estudo empírico efetuado a 150 praticantes de desportos com alto e pouco risco envolvidos e não desportistas, descrevendo o método utilizado, para em seguida apresentarmos e discutirmos os resultados obtidos. Terminamos este trabalho apresentando algumas conclusões do estudo. Por fim, são apresentadas as referências bibliográficas de suporte a esta dissertação e, em anexo, o questionário construído propositadamente para este estudo.

## **1.1. Personalidade e traços: conceitos e teorias**

Começamos por abordar o conceito de personalidade focando igualmente os conceitos de carácter e temperamento, que a ele surgem associados. Posteriormente será feita referência à noção de traço de personalidade, dando conta das suas múltiplas definições. Após a descrição destes conceitos, apresentamos o modelo teórico da estrutura hierárquica da personalidade de Eysenck (1976). Optámos por não consultar apenas os autores na sua versão original, por termos constatado que as descrições efetuadas por outros autores, que não os próprios, apresentavam uma maior quantidade de informações, bem como, críticas e reflexões sobre esses conceitos e teorias. No entanto, devemos estar alertados para a sua interpretação, pois como nos indica Loevinger (1987, p. III) *“todas as teorias e conceitos estão, de alguma forma, influenciadas pelo clima intelectual do seu tempo e espaço”*.

### **1.1.1. Personalidade, Carácter e Temperamento**

Segundo Singer (1984) a personalidade humana, contempla ações públicas, gestos, declarações e expressões não verbais, bem como, os motivos particulares, desejos, crenças, atitudes, sonhos diurnos e noturnos, e estilos de organização da informação ou experiência emotiva que delimita a individualidade de cada pessoa dentro uma determinada cultura. A origem etimológica da palavra personalidade encontra-se nas palavras *persona*, que

significa máscara de teatro em latim, e *propôson*, máscara de teatro em grego. Eram termos associados ao uso de máscara nas representações teatrais romanas e gregas, nas quais o ator representava personagens diferentes e com características distintas das suas (Allport, 1973; Queirós, 1997).

A personalidade para Burger (2007, p.4) poderia ser definida como “*um padrão de comportamentos e de processos intrapessoais consistentes e originários dentro do indivíduo*”. Para este autor, a dimensão intrapessoal que se estabelece no relacionamento interpessoal inclui todos os processos cognitivos emocionais e motivacionais que atuam dentro do sujeito e afetam a forma como este atua ou sente. Para Eysenck (1994, p. 2) a personalidade é considerada “*como a organização mais ou menos estável e duradoura do carácter, temperamento, intelecto e físico de uma pessoa, que determina o seu ajuste único ao meio ambiente*”, ou seja, o comportamento do indivíduo seja consistente ao longo do tempo e seja diferente do comportamento de outros indivíduos na mesma situação. A teoria da personalidade de Murray (in Irigaray & Schneider, 2009) propugna a personalidade como uma série de eventos que abrangem toda a vida do indivíduo, refletindo elementos duradouros e recorrentes do comportamento, bem como, elementos novos e únicos. Portanto, seria como um agente organizador ou governador do indivíduo. Para estes autores, como aponta Queirós (1997), parece unânime a consideração da personalidade como algo estável, único e específico que caracteriza e permite distinguir o indivíduo e que lhe concede uma identidade através de um conjunto de características estáveis e que são pouco influenciáveis pelo meio.

No entanto, Allport (1973) concebe a personalidade como uma organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam o seu comportamento e pensamento característicos, bem como, a forma exclusiva de como este se adapta ao meio. Também Oliveira (2008) refere o constructo como dinâmico, em permanente mudança, e que a personalidade é, essencialmente, como uma unidade integrativa da pessoa, com todas as características diferenciais permanentes (inteligência, carácter, temperamento, constituição, entre outras) e as modalidades únicas de comportamento. Como refere Allport (1973, p. 43), “*aparentemente, todos sabem o que é a personalidade, mas ninguém consegue descrevê-la*”. Existem centenas de definições. E como refere Burger (2007), embora se tente uma definição de personalidade, é preciso ter em mente que até os Psicólogos não estão de acordo numa única resposta a esta questão. Na verdade, os psicólogos que estudam a personalidade estão envolvidos numa continua e talvez

interminável discussão de como descrever a personalidade humana e quais os tópicos que pertencem a esta área da psicologia (Mayer, 2005; McAdams & Pals, 2006).

O estudo da personalidade humana é, simultaneamente, a mais emocionante e a área mais desconcertante e frustrante em Psicologia (Singer, 1972). Note-se que a personalidade não é uma entidade física ou coisa tangível, mas um padrão abstrato de coerência de características pessoais que os psicólogos tentam identificar (Singer, 1984). Como refere Eysenck (1994, p. 38) “*aqueles que estudam a personalidade humana estão, basicamente, interessados nas diferenças individuais*”. O estudo das diferenças individuais teria sido iniciado na Biologia por Darwin (1859, in Loevinger, 1987) ao demonstrar que a variação dos indivíduos dentro da mesma espécie desempenha um papel fundamental na evolução, pois permitiria a sobrevivência do indivíduo mais adaptado ao meio. Mais tarde, como refere Allport (1973), surge a era da experimentação, avaliação, mensuração e correção no campo da personalidade, iniciada por Sir Francis Galton (1822-1911) no contexto do estudo das diferenças individuais, destacando a importância da hereditariedade e da influência do meio ambiente na variabilidade do comportamento individual.

Com o desenvolvimento da Psicologia, as diferenças individuais continuaram a ser estudadas, sobretudo na procura da sua origem (que uns defendem ser a hereditariedade, e outros, do meio) e, como aponta Loevinger (1987), assiste-se ao aparecimento de novas formas de conceptualizar e descrever a variação individual utilizando-se termos como personalidade, emoções, traços ou sintomas. Estes últimos, no caso de indivíduos com comportamentos desajustados<sup>1</sup>, estando as observações mais alargadas do comportamento humano nos manuais de Psiquiatria e de Psicopatologia do início do século XX.

Para Singer (1984), os avanços nos procedimentos nesta época, permitiram estudar o comportamento de forma objetiva e quantificável, como é o caso dos testes de avaliação psicológicos inicialmente desenvolvidos para avaliar a inteligência (Binet, Wechsler) e posteriormente aplicados a outras áreas, como a da personalidade (Cattell, Eysenck, Guilford, Murray, Rorschach). O estudo da personalidade ganhara um novo impulso. Segundo as teorias psicométricas, o estudo da personalidade pode ser realizado através das diferenças individuais e dos chamados traços de personalidade (Queirós, 1997). Em 1937, com o aparecimento dos dois textos sobre a personalidade de Allport e Murray, inicia-se uma nova era da psicologia da personalidade como um ramo de investigação independente (Singer, 1984). Até meados do século XX a ênfase da investigação incidia sobre unidades

---

<sup>1</sup> Singer (1917), utilizando a análise correlacional, estuda as características da personalidade através das características da insanidade procurando encontrar as condições para proporcionar os meios necessários para fazer generalizações. Segundo este autor, quanto mais se estuda os transtornos de conduta, mais se é obrigado a considerar a personalidade do paciente.

fundamentais e sobre a redução dessas unidades, sobre energia hidráulica, ou, modelos fortemente influenciados pela psicanálise (Singer, 1972).

Na década de 70, Carlson (1971, in Singer, 1972) aponta o caminho na direção de abordagens de personalidade que envolvam o uso da curiosidade do indivíduo, das tendências introspectivas, e o seu próprio comportamento natural como parte de qualquer investigação. Segundo proposição de Carlson (1971), existem três grandes abordagens para a compreensão da personalidade: estudo das características comuns de todos os indivíduos em disposições de personalidade, como a emoção, motivação e características imaginativas; o estudo das formas pelas quais os indivíduos diferem uns dos outros ao longo desse tipo de dimensão, ou, quais as dimensões mais salientes que definem a diferença de personalidade; estudo das formas pelas quais os indivíduos são únicos e podem gerar qualidades individuais complexas que lhes confirmam uma sensação de personalidades independentes. O autor propõe uma visão do homem como uma criatura de processamento de informação cujas emoções, fantasias e sonhos, assim como o seu auto conceito, fazem parte de sua busca para a certeza, equilíbrio e novidade no seu ambiente. Também Allport (1973) refere três dimensões para a compreensão da personalidade. A primeira, a mais “externa”, com conotação social: por exemplo, dizemos de um conhecido que “não tem personalidade”, e, de outro, “que tem muita personalidade”, quando queremos dizer, naturalmente, que a pessoa consegue ou não causar impressão nas pessoas. Flemming (1942, in Allport, 1973) identificou algumas qualidades consideradas atraentes pelos outros que traduzem uma pessoa com “muita personalidade”, como: interessante em conversa, competente, ter interesses amplos, ser inteligente, atlética, bem-humorada, sincera e adaptável. Assim, parece que a concepção popular de personalidade se refere a um determinado feixe de traços que sejam socialmente atraentes e eficientes. Para Allport (1973, p.45) existe um aspeto que justifica esta definição baseada no efeito externo *“apenas através dos julgamentos feitos pelos outros as nossas personalidades podem ser conhecidas”*. Se não influenciarmos os outros, como podemos ser conhecidos? Mas, o que ocorre se influenciarmos de diferentes maneiras diferentes pessoas? Teremos muitas personalidades? No entanto, para o autor, as definições através de efeitos externos confundem personalidade com reputação, e uma pessoa pode ter muitas reputações. Uma segunda dimensão surge numa perspetiva de estrutura interna, onde a personalidade pode ser definida como uma entidade objetiva, como algo que realmente “existe”, que direciona a pessoa para o mundo que a cerca, influenciando-se mutuamente, como “uma unidade dinâmica multiforme”. A última dimensão é a positivista e assenta num ceticismo quanto a

uma estrutura interna alegando não ser possível conhecer senão as nossas “operações”. Nesta perspetiva, a personalidade interior parece ser um mito, um conceito ligado por um nome próprio. Allport (1973) propõe uma definição “essencialista” de personalidade, considerando esta como “existente na pessoa”, e que tem uma estrutura interna própria. A personalidade é o que uma pessoa “é realmente”, qualquer que seja a maneira pela qual as outras pessoas percebem as suas qualidades, e quaisquer que sejam os métodos pelos quais estudamos.

Actualmente é aceite pela comunidade científica que a personalidade sofre alterações ao longo da vida, recriando-se e transformando-se em função das relações e transações nas diferentes dimensões da vida do indivíduo (Irigaray & Schneider, 2009). Mas “*não menos fascinante que o termo personalidade é o termo carácter*” (Allport, 1973, p. 53). São diversos os autores que se referem ao carácter e ao temperamento, sendo aferido que estes dois termos são os mais frequentemente referidos, remetendo para facetas parciais da personalidade, surgindo o temperamento associado a características inatas e o carácter a características aprendidas (Queirós, 1997). Para Eysenck (1994, p. 2) “*o carácter denota o comportamento volitivo, a vontade de uma pessoa, que é mais ou menos estável e duradoura*”.

Segundo Allport (1973), carácter é a marca de um homem, o seu padrão ou estilo de vida. Quando dizemos que um homem tem “bom carácter”, fazemos referência às suas qualidades morais. Enquanto o termo personalidade sugere aparência, comportamento visível, qualidade superficial, o termo carácter sugere estrutura, profunda (talvez inata) e fixa. Várias definições são propostas para o termo carácter, podendo este ser visto como “*o grau de organização eticamente eficiente de todas as forças do indivíduo, ou, como uma suposição psicofísica duradoura para inibir os impulsos, de acordo com um princípio regulador*” (Allport, 1973, p. 55).

Quando é que as pessoas, normalmente, atingem o limite de desenvolvimento do seu carácter? Curiosamente, clinicamente, o desenvolvimento do carácter pode continuar durante todo o ciclo de vida. Na verdade, este é um tópico que ocupa grande parte da grande literatura em todo o mundo. O que parece consensual para Loevinger, Lawrence, Bonneville, Redmore, Streich e Seargent (1985, p.947) é que “*a maioria das pessoas, provavelmente, estabilizará o seu carácter no período de tempo no final da adolescência, ou início da vida adulta*”. Allport (1973) refere o carácter como um fenómeno característico da natureza emocional de um indivíduo, abrangendo a sensibilidade à estimulação emocional, a intensidade e rapidez habituais de resposta, a qualidade do humor

e todas as singularidades de flutuação e intensidade do humor, sendo estes fenómenos dependentes da organização constitucional. Assim, podemos considerar o carácter, não como uma parte específica da personalidade, mas como uma personalidade com valor acrescentado.

Historicamente a personalidade foi inicialmente identificada com o temperamento, como Hipócrates e Galeno o fizeram (Minton & Schneider, 1980, in Queirós, 1997). O temperamento *“é um sistema mais ou menos estável e duradouro do comportamento afetivo “emoção”* (Eysenck, 1994, p. 2). Pode-se dizer que o temperamento, como a inteligência e o físico, designa uma classe de “material bruto” a partir do qual se forma a personalidade. São os fatores mais dependentes da hereditariedade. No entanto, como o físico e a inteligência, o temperamento não é imutável, do nascimento à morte. O temperamento pode alterar-se durante o desenvolvimento da personalidade. O temperamento refere-se ao clima químico ou “tempo interno” em que se desenvolve a personalidade (Allport, 1973). Tous (1986, p.50) refere-se ao conceito de temperamento, indicando que *“este remete para disposições latentes e estáveis que poderiam ser consideradas como causa do comportamento, sendo possível classificar os indivíduos segundo o seu tipo de temperamento, constituindo este a base inata da personalidade”*. Sabe-se que a personalidade é, em grande parte, condicionada pelo temperamento, mas ainda não se conhece as fontes precisas deste último. Para Allport (1973), o temperamento refere-se aos fenómenos característicos da natureza emocional de um indivíduo, na qual se incluem a sua suscetibilidade à estimulação, a intensidade e rapidez usuais de resposta, a qualidade da sua disposição predominante, e todas as particularidades de flutuação e intensidade de disposição, sendo que tais fenómenos são vistos como dependentes da organização constitucional, e, portanto, como em grande parte originários da hereditariedade. Do agrupamento descritivo do temperamento, carácter e forma do corpo resultariam as tipologias, sendo estas classificações de personalidade. Apesar da personalidade, como refere Queirós (1997), ser também caracterizada pela forma de expressão e apresentação geral, como gestos, modo de vestir, expressão facial, postura.

### **1.1.2. Traço de personalidade**

Os traços de personalidade poderão ser entendidos como características duradouras do indivíduo que resumem consistências trans-situacionais de estilos característicos de responder ao meio ambiente (Allport, 1931; Olver & Mooradian, 2003). Allport (1931) refere-se ao traço de personalidade como uma certa conceção definida pela unidade de



resposta generalizada em que reside a qualidade distintiva de comportamento que reflete a personalidade. Para Eysenck (1953), os traços de personalidade seriam conceitos teóricos baseados nas intercorrelações entre um certo número de diferentes respostas habituais, sendo essencialmente fatores disposicionais que determinam de modo regular e persistente o comportamento em diferentes situações. Mais tarde, Allport (1973) defende que os traços de personalidade facultam estabilidade à personalidade do indivíduo, conferindo-lhe individualidade e singularidade, e que podem ser definidos de acordo com três propriedades: frequência, intensidade e variedade de situações. Importa referir que Eysenck (1994, p.40) desenhou, de alguma forma, uma distinção entre traço de personalidade e tipo e argumenta que estes dois constructos diferenciam-se a nível global, sendo o tipo mais global que o traço, definindo que “*um tipo tem uma coleção de traços correlacionados*”. Assim, por exemplo, a Extroversão seria considerado um tipo de personalidade constituído por um número de traços relacionados, como: sociabilidade, assertividade, actividade e procura de sensações.

Tem havido um grande progresso em psicologia do traço nos últimos 20 anos. As evidências indicam que os traços de personalidade são tendências endógenas básicas subjacentes e ligadas a sistemas de resposta biofisiológica fortemente hereditários e surpreendentemente imunes à influência dos pais e social, sendo também, notavelmente estáveis durante a idade adulta (Olver & Mooradian, 2003). Um dos debates mais persistentes do século 20 foi a questão dos traços de personalidade e se as teorias da personalidade eram eficazes para explicar e prever diferentes comportamentos (Knust & Stewart, 2002). Para Cattell (1979, 1990) os traços seriam inferidos através do comportamento, ao qual dariam regularidade e consistência, permitindo identificar uma organização intra-individual. Sendo os traços inferidos de observações do comportamento passado, estes fornecem um meio de descrever os padrões consistentes do comportamento, bem como de prever o comportamento futuro. Temos aprendido que os traços são importantes para uma vasta gama de aplicações. Barrick e Mount (1991, in McCrae, 2004) revitalizaram a psicologia do traço, mostrando a importância dos traços de personalidade para a predição de desempenho no trabalho. Um dos instrumentos mais utilizados em situações onde se pretende verificar as decisões da pessoa, é a lista de verificação traço, ou escala de avaliação. Para Shapiro e Tagiuri (1957), ao formar uma impressão sobre uma pessoa estamos, por vezes, numa posição de fazer uma inferência a um traço de uma forma isolada a partir de julgamentos de outros traços. O ato de avaliação dos traços de personalidade de uma pessoa para uma dada função, por exemplo, depende dos traços

fornecidos, dos traços a serem inferidos, e sobre os outros traços no ato do julgamento, ou seja, o contexto (Shapiro & Tagiuri, 1957). De realçar, que *“na avaliação, a partir da teoria, se pressupõe que a personalidade é a variável intermédia, o elo de ligação entre o estímulo e a resposta observável”* (Tous, 1986, p.46).

Como no conceito de traço se pressupõe que cada indivíduo possui todos os traços mas em grau diferente de um outro indivíduo, e como a personalidade parece ser algo complexo, opta-se pela utilização do conceito de traço como unidade de análise, pois permitiria explicar as diferentes combinações possíveis, bem como a individualidade própria de cada indivíduo (Queirós, 1997).

### **1.1.3. A teoria de Eysenck (modelo PEN)**

Após a descrição das diferentes noções de traços de personalidade propostas por autores distintos, abordamos de seguida um dos principais modelos teóricos de traços básicos de personalidade: a Teoria da personalidade de Eysenck, conhecida como o modelo “Big Three” ou modelo PEN.

Como a dimensão Extroversão da teoria psicobiológica da estrutura de personalidade (Eysenck, 1947) e traço de personalidade Procura de Sensações (Zuckerman, 1969) estão teoricamente interrelacionadas face ao constructo “nível ótimo de estimulação” (Eysenck & Zuckerman, 1978) e que estabelecem correlações significativas em instrumentos de medida dos traços, consideramos interessante especificar esta relações usando este modelo. Como anteriormente referido, Eysenck (1947, 1994) define personalidade como uma organização mais ou menos estável e duradoura do carácter, temperamento, intelecto e físico de uma pessoa, que determina o seu ajuste único ao meio ambiente. Inicialmente, o autor propõe um modelo composto por duas dimensões básicas: Extroversão-Introversão e Neuroticismo. Estas duas dimensões, bem distintas, contribuíam mais para a descrição da personalidade do que quaisquer outras dimensões. Em 1952, Eysenck acrescentou uma terceira dimensão ao modelo intitulado de Psicoticismo. Este sistema foi denominado de modelo PEN, e é vulgarmente conhecido pelo modelo Big Three.

O aspeto descritivo do modelo tem a ver com a caracterização taxionómica hierárquica da personalidade baseada na análise fatorial. O modelo implica que todas as pessoas possam ser descritas em função do grau de Extroversão, Neuroticismo e de Psicoticismo que apresentam, sendo que estas três dimensões, ou também chamados de superfatores, se cruzam num determinado ponto do espaço tridimensional. A teoria da

estrutura hierárquica da personalidade (Figura 1), que é adotada quase universalmente por fatores de análises (Eysenck, 1970) providencia, no seu nível mais elevado, ou no seu quarto nível (Eysenck, 1990), as três grandes dimensões designadas: P (psicoticismo-superego), E (extraversão-introversão) e N (neuroticismo-estabilidade). Estas dimensões seriam determinadas pelas intercorrelações entre traços. Segundo Eysenck e Zuckerman (1978), estas dimensões teriam sido suficientemente replicados para sugerirem a estabilidade e definirem os princípios da estrutura da personalidade. No terceiro nível estariam os traços de primeira ordem, como, por exemplo, a procura de sensações. O segundo nível abrangia os comportamentos, as emoções e as cognições habituais e a um primeiro nível corresponderiam os comportamentos, as respostas emocionais e as respostas cognitivas específicas ao nível mais básico.

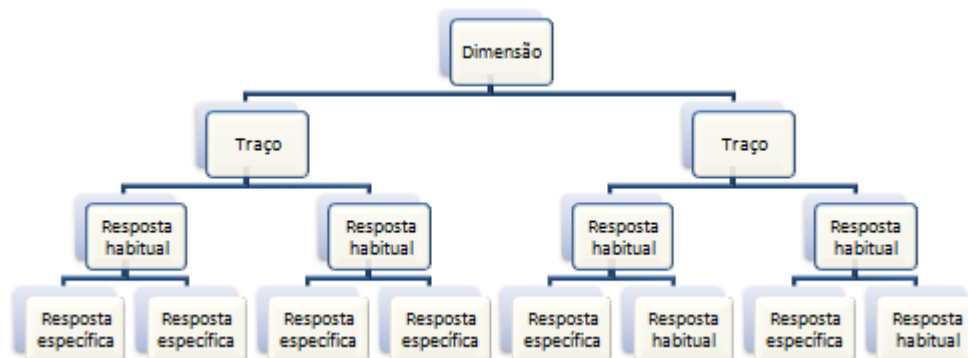


Figura 1. Modelo hierárquico da personalidade (Eysenck, 1982, p.47)

O problema surge com a relação entre estes traços e os superfatores, não podendo ser assumido que cada traço seja subentendido apenas por um fator. Um outro problema surge quando consideramos que cada traço possa ser constituído por diferentes subtraços, e que estes dois componentes terão relações com, possivelmente, mais do que um traço e superfator. Para Eysenck (1990) a dimensão básica da personalidade Extroversão seria composto pelas facetas sociabilidade, vivacidade, actividade, assertividade, procura de sensações, despreocupação, domínio e tendência para a aventura. A dimensão Neuroticismo seria constituída pelas facetas ansiedade, depressão, culpabilidade, baixa autoestima, tensão, irracionalidade, timidez, tristeza e labilidade emocional. Da dimensão Psicoticismo fazem parte as facetas agressividade, frieza afetiva, egocentrismo, impessoalidade, impulsividade, psicopatia e tendência antissocial, falta de empatia, criatividade e rigidez. O modelo de Eysenck é um modelo psicobiológico que se baseia na metodologia psicométrica para a constituição das dimensões, ou supertraços. O autor considera que estas dimensões são preponderantes na determinação da personalidade,

como demonstram os estudos realizados em vários países (Blagrove & Akehurst, 2001; Dewaele & Furnham, 2001; Glicksohn & Golan, 2001; Oliveira, 2008).

Analisando mais detalhadamente cada uma destas dimensões, o Neuroticismo (neuroticismo/estabilidade emocional) corresponde à experiência de altos níveis de emoções negativas, acarretando respostas emocionais disfóricas em diversas situações. Este fator é explicado através da ativação do sistema nervoso simpático, sistema que é responsável pelo controlo da maioria das respostas emocionais a situações de perigo. Esta ativação observa-se através do batimento cardíaco, da pressão sanguínea, da temperatura da pele, do transpirar e da tensão muscular. Desta forma, as pessoas mais neuróticas demonstram uma menor activação do sistema nervoso simpático e uma maior dificuldade em controlar as suas reações emocionais, que se traduz na experiência de mais afeto negativos como a ansiedade, depressão e outros acima referidos. Contrariamente, as pessoas mais estáveis apresentam uma maior ativação do sistema nervoso simpático, que se traduz num maior controlo das suas reações emocionais, experienciando afetos negativos apenas perante situações muito graves.

Relativamente à dimensão Extroversão/Introversão, este caracteriza-se pela apreciação de afectos positivos, particularmente ao nível social. Eysenck (1990) partindo da hipótese de que existe um nível ótimo de actividade cortical, ou seja, de excitação e inibição, pressupõe que a performance é baixa face a níveis baixos ou altos de actividade. Contudo, em níveis médios a performance é máxima. Esta ativação cortical pode ser observada através do eletroencefalograma, condutância elétrica da pele ou transpiração.

No que diz respeito à dimensão Psicoticismo, este refere-se a características encontradas geralmente em doentes psicóticos e relacionadas com o controlo dos impulsos emocionais, tais como mente ocupada, formas incomuns de pensar e outros acima já referidos. Segundo Eysenck (1990) as três dimensões vão sofrendo mudanças ao longo da vida do indivíduo, que são devidas à idade e ao género. Desta forma, a dimensão Psicoticismo diminui com a idade, embora de forma mais acentuada nos homens do que nas mulheres. Os resultados de Psicoticismo no sexo masculino são quase o dobro comparativamente ao sexo feminino em indivíduos com cerca de 16 anos. Contudo, aos 70 anos esta diferença já não se verifica. Relativamente à Extroversão, os indivíduos vão ficando mais introvertidos à medida que envelhecem, tanto o género masculino como o feminino. Embora os homens sejam mais extrovertidos no final da adolescência, a diminuição da extroversão é maior do que nas mulheres, realizando-se uma inversão por volta dos 60 anos. No que se refere ao Neuroticismo, este diminui em ambos os géneros.

Contudo, é maior no género feminino em todas as idades. Segundo Eysenck (1990) estas alterações, verificadas ao longo da vida, devem-se, sobretudo, a alterações fisiológicas que modificam o nível de excitação cortical, apesar de referir que os fatores ambientais não podem ser descurados.

Baseando-se na sua teoria, Eysenck construiu vários métodos de avaliação da personalidade, entre eles o Questionário de Personalidade de Eysenck (EPQ), o Questionário de Personalidade de Eysenck para Júniores (JEPQ) e o Inventário da Personalidade de Eysenck (EPI). Eysenck colaborou com Zuckerman para o desenvolvimento da Escala de Procura de Sensações (SSS), que possibilita a avaliação do traço de Procura de Sensações.

## **1.2. Traço de personalidade Procura de Sensações**

Zuckerman (2007) propugna que o traço de procura de sensações está relacionado com a participação em desportos de alto risco, que provocam sensações pouco usuais e novas experiências. Sendo um constructo fundamental para este estudo importa abordar, especificando, o traço Procura de Sensações, esclarecendo alguns conceitos que a ele surgem associados. Faremos referência a alguns estudos empíricos encontrados na literatura envolvendo este traço em praticantes deste tipo de desportos.

### **1.2.1. Definição de traço de Procura de Sensações**

Segundo Zuckerman (1996, p.112) o traço de procura de sensações foi concebido como fator “*único*”, apesar de algumas tentativas para itens de amostra a partir de diferentes modalidades sensoriais. As previsões iniciais, a partir dos constructos preliminares, eram que as pessoas com valores elevados em procura de sensações ficariam ansiosas em experiências envolvendo privação sensorial. O traço de procura de sensações foi inicialmente relacionado à estimulação externa, a tipos incomuns de fantasias internas e a experiências. Mas, não às formas cognitivas de experiência ou curiosidade, e não à inteligência. Na fase inicial de conceção do constructo, Zuckerman (1979, in Zuckerman, 1994, p.26) começou por definir o traço de personalidade procura de sensações como “*a necessidade de novas, variadas e complexas sensações e experiências, e a vontade de correr riscos físicos e sociais para poder ter essa experiência*”. No entanto, a definição mais atual de Zuckerman (1994, p. 27), que introduz pequenas alterações (itálico), e que assumimos aqui enquadrar-se com os objetivos traçados no presente estudo, refere-se a um traço de personalidade definido pela” *procura de sensações e experiências novas, variadas,*

complexas e *intensas* e pela vontade de assumir riscos físicos, sociais, *legais* e *financeiros* para poder ter essa experiência”. Importa referir, que para o autor a procura de sensações e experiências novas, estariam relacionadas com a nossa mente, com os nossos sentidos, sendo que este tipo de comportamento pode revelar-se, por exemplo, através da música, da arte e de gostar de viajar. O autor acrescenta que, a procura de sensações pode ser definida como um traço que se caracteriza pela desinibição, não-conformidade, impulsividade e extroversão.

Para Zuckerman (1994) o traço de procura de sensações surge também relacionado com a disposição para correr riscos. Acrescentando, que os indivíduos com valores elevados de procura de sensações teriam tendência para escolher comportamentos que aumentassem a quantidade de estimulação. Esta ativação envolveria a tendência para a adoção de comportamentos de risco, que surgem correlacionados de forma significativa com o traço de procura de sensações, não se apresentado, contudo, como a principal motivação do comportamento. Os sujeitos com valores elevados em procura de sensações, aceitam o risco como um possível resultado da sua procura de sensações, não procurando o risco só pelo risco, e nem sempre apresentando comportamentos antissociais. Para satisfazerem esta necessidade de estimulação intensa, os indivíduos adotam determinados comportamentos que estão associados, por exemplo, a preferências profissionais com risco envolvido, a prática de desportos com risco envolvido, consumos de álcool ou drogas.

Um exemplo significativo do traço procura de sensações é relatado por Caputo (1977, in Zuckerman, 2007, p.75) escrevendo as suas experiências como soldado na guerra do Vietnam. Podendo ter evitado o combate, ofereceu-se para uma unidade de combate, explicando: “Havia uma série de razões, em que o tédio era primordial; ...direitos ou erros da guerra de lado houve um magnetismo sobre o combate. Parecia viver mais intensamente debaixo de fogo. Todos os sentidos estavam mais acentuados, a mente trabalhava mais rápida e claramente...Encontramo-nos num estado emocional limite, enfrentando um experiência que nenhuma bebida ou droga poderia igualar”. Este ex-combatente descreve um nível extraordinário de excitação com baixos níveis de ausência de risco como "tédio". Num outro contexto, alguns jovens aborrecidos jogam a roleta russa. Neste jogo, coloca-se uma única “bala” nas seis câmaras do tambor de um revólver, giram o tambor, colocam a arma na sua cabeça e puxam o gatilho. Se jogou honestamente (sem espreitar), as possibilidades de morrer são de uma em seis. A maioria das pessoas que jogam este jogo está entediada, mas não severamente deprimidos ou suicidas. Eles jogam o jogo

simplesmente para obterem a sensação elevada que vem depois de puxar o gatilho sem consequência fatal.

Zuckerman (1979, in Jackson & Maraun, 1996) desenvolveu originalmente a escala de procura de sensações (com 50 itens) para avaliar a tendência dos indivíduos diferirem em relação aos seus níveis ótimos de estimulação e excitação. Para Haynes, Miles e Clements (2000), o próprio conceito de procura de sensações surgiu do interesse em encontrar estes dois níveis ótimos. Pelo início dos anos 60, os autores da escala de procura de sensações estavam apenas interessados num traço geral de procura de sensações (Haynes *et al.*, 2000). No entanto, investigação subsequente sugeriu que a estrutura do traço de procura de sensações seria mais complexa.

As escalas de procura de sensações traduzem a operacionalização mais popular deste constructo (Deditius-Island & Caruso, 2002). Existem pelo menos 14 diferentes variações das escalas de Zuckerman, sendo a forma “V” (SSS-V) a versão mais popular (Eysenck & Zuckerman, 1978). Estas escalas de procura de sensações têm sido citadas como algumas das medidas mais reconhecidas de assunção do comportamento de risco (Deditius-Island & Caruso, 2002). Após identificar diferenças entre os traços em homens e mulheres, Zuckerman (1994), desenvolveu mais 63 itens adicionais e procedeu a uma análise fatorial com a escala original, *Form I*. Desta análise, como refere o autor, resultaram quatro fatores, ou subescalas: A Procura de Emoção e Aventura (TAS), que expressa o desejo de participar em desportos ou outras atividades físicas de risco que desencadeiam sensações incomuns de velocidade ou de desafio da gravidade (e.g., paraquedismo, mergulho, alpinismo). A Procura de Experiências (ES), que descreve a procura de sensações e experiências novas através da mente e dos sentidos, actividade intelectual ou sensorialmente estimulante (e.g., música, arte, viagens) ou através de atividades sociais não conformistas como a associação a grupos postos de parte pela sociedade convencional (e.g., artistas, hippies, homossexuais). A Desinibição (DIS), que descreve a preferência por atividades que promovam a socialização (e.g., festas, consumo de álcool e outras substâncias, variedade de parceiros sexuais). E, por último, a Intolerância ao Aborrecimento (BS), que se refere à intolerância a experiências repetitivas ou rotineiras e à monotonia, em suma, tudo o que provoque sensações originais e experiências novas (Eysenck & Zuckerman, 1978; Zuckerman, 1994).

Refira-se o facto de nas sociedades modernas existirem várias possibilidades de exercer atividades de risco, quer seja desenvolvendo-as através da via laboral (Militares, Polícias, Lavador de vidros em altura, ou Técnicos de antenas ou de cabos de alta tensão),

quer desportiva (Paraquedismo, Canyoning, Alpinismo, Piloto de rally), quer aventureira (*Bungie jumping*, Escutismo). A investigação sugere que o traço de procura de sensações poderá estar na origem do comportamento imprudente e aponta para que seja muito mais comum entre as pessoas no final da adolescência e início da década dos 20 anos do que em qualquer outra idade (Arnett, 1996). Esta proposição poderia explicar o desenvolvimento de um comportamento sem preocupações, sem avaliar as consequências dos jovens. Para Arnett (1996), este tipo de comportamento imaturo não é hereditário, sendo apenas, predisposições para a procura de sensações, e para alguns comportamentos agressivos que se veem nos adolescentes.

O risco é intrinsecamente aversivo? A maioria das pessoas percebe o risco e tenta minimizá-lo. No entanto, como refere Zuckerman (2007, p.102) “*existem aqueles que acham o risco de uma guerra estimulante*”, como acima verificamos. Para Arnett (1996), este traço de procura de sensações poderá levar a uma participação em comportamentos de risco, porque estes comportamentos, geralmente, fornecem o tipo de envolvimento e estimulação intensa que as pessoas com valores altos em procura de sensações encontram prazer. Sendo que a atividades desportivas com alto risco físico envolvidas (e.g., o paraquedismo) proporcionam situações de risco e estimulação intensa, o sujeito com valores elevados de procura de sensações, que procura condições de reforço, poderá encontrar neste meio lúdico a oportunidade de explorar algumas experiências tidas por aliciantes e reforçadoras. Como sugere Baum (2005, p), as condições sob as quais nos sentimos livres acabam por ser idênticas às condições sob as quais nos sentimos felizes.

### **1.2.2. Estudos empíricos sobre o traço Procura de Sensações**

O traço de procura de sensações tem sido alvo de inúmeros estudos (e.g., Aluja & Torrubia, 2004; Arnett, 1996; Bratko & Butkovic, 2002; Deditius-Island & Caruso, 2002; Eysenck & Zuckerman, 1978; Knust & Stewart, 2002). A investigação relaciona o traço de personalidade procura de sensação com a elevada propensão para atividades estimulantes e com vários comportamentos de risco: comportamento sexual, atividades ilegais, álcool e uso de drogas, desportos radicais, hábitos de condução e jogos, podendo estes comportamentos também ser atribuídos a indivíduos extrovertidos e impulsivos (Bratko & Butkovic, 2002). De acordo com Zuckerman (1994) a impulsividade mantém correlações extremamente significativas com o traço de procura de sensações, sobretudo no que diz respeito às dimensões impulsivas relacionadas com a falta de planeamento e com a adoção de comportamentos de risco. Com efeito, Eysenck (1990) incluiu o traço procura de



sensação como um traço primário inerente à Extroversão. Desta forma, a procura de sensações estaria relacionada com o nível ótimo de estimulação e teoria excitação (Zuckerman, 1969), a mesma base biológica para a Extroversão postulada pela teoria de Eysenck (1967).

O estudo realizado por Eysenck e Zuckerman (1978) utilizando o Eysenck Personality Questionnaire (EPQ) em 1098 sujeitos civis, correlaciona positivamente a relação entre os traços de personalidade procura de sensação com os traços de extroversão (E) e psicoticismo (P). No entanto, esta não se verificou quanto ao traço de personalidade neuroticismo (N). Enquanto a procura de sensações é um constructo que carrega ambos os traços E e P, não é claro se a procura de sensações pode ser reduzido apenas a E, e P, e se todas as suas facetas, necessariamente, carregam o mesmo fator. Ao tentar esclarecer de que forma estes fatores se relacionam, Glicksohn e Abulafia (1997) concluíram que a procura de sensações deveria ser reconsiderada em termos de dois fatores separados: o primeiro, um modo de procura de sensações não-impulsivo, mais sociável, anexado pela Procura de Emoção e Aventura (TAS); o segundo seria composto pelos outros três subfactores de procura de sensações, juntamente com psicoticismo, e refere-se a um modo de procura de sensações mais impulsivo e menos sociável. O traço de procura de sensações também parece ser um dos aspetos constitutivos da personalidade antissocial, contudo, apenas a sua combinação com outros traços pode suscitar essa perturbação da personalidade.

Como refere Zuckerman (1994) os indivíduos com personalidade antissocial, que apresentam comportamentos criminais, obtêm resultados mais elevados na escala de procura de sensações, nomeadamente nas subescalas Procura de Experiências (ES), Desinibição (DIS) e Intolerância ao Aborrecimento (BS), comparativamente aos outros indivíduos com comportamentos criminais. Todavia, os grupos de sujeitos delinquentes e criminosos não apresentam diferenças significativas relativamente aos grupos de sujeitos não delinquentes e não criminosos, na mesma faixa etária, no que diz respeito ao traço de procura de sensações (Zuckerman, 1994). Porém, verifica-se, que os indivíduos que cometem atos violentos apresentam valores mais elevados do traço de procura de sensações relativamente aos outros delinquentes. Zuckerman (1994) verificou que existem diferenças significativas entre géneros no traço de procura de sensações, apresentando o género feminino valores significativamente mais baixos comparativamente ao género masculino na escala de procura de sensações (SSS), sendo que a maior discrepância é verificada na escala Desinibição (DIS). A agressividade é mais uma característica que

surge associada ao traço de procura de sensações, observando-se uma correlação positiva significativa entre a agressividade e a escala de Desinibição (DIS), sobretudo no sexo masculino (Zuckerman, 1994). Aluja e Torrubia (2004), num estudo neuropsicológico sobre hostilidade-agressividade, procura de sensações e hormonas masculinas, em 30 homens saudáveis, encontraram uma correlação positiva significativa entre a procura de sensações e a testosterona. Os resultados suportam o modelo de Zuckerman (1974) sobre o traço de personalidade para a procura de sensações.

O traço de procura de sensações apresenta também correlações negativas com a idade, sendo que os valores mais elevados são apresentados na fase final da adolescência, verificando-se a partir desse momento uma diminuição estável e progressiva. As diferenças mais significativas são verificadas nas escalas de Procura de Emoção e Aventura (TAS) e Desinibição (DIS).

A procura de sensações também está vinculada a diferentes aspetos da vida humana, tais como, as relações sociais e conjugais, as preferências e escolhas profissionais ou hábitos alimentares. Segundo Turchik, Garske, Probst e Irvin (2010), a utilização de substâncias como o álcool ou drogas, faz aumentar o comportamento sexual e outros comportamentos de risco. Assim, segundo estes autores, a procura de sensações está relacionada com variáveis da personalidade dos indivíduos e variáveis da própria sexualidade. Também a interação social difere mediante a procura de sensações. Assim, os indivíduos com valores mais elevados do traço de procura de sensações gostam mais da interação social, sendo mais dominantes nestas situações, mais abertos mesmo na presença de estranhos e estimulam a abertura dos outros. Estes sujeitos aparecem associados a comportamentos não-verbais espontâneos e emocionalmente expressivos (Zuckerman, 1994). Segundo o autor, o traço de procura de sensações também está diretamente associado com atitudes liberais, permissivas e relacionado negativamente com atitudes conservadoras e punitivas e com o traço de autoritarismo.

São vários os estudos que têm comprovado a existência de correlações elevadas entre a procura de sensações e determinadas profissões, como os controladores aéreos, polícias, bombeiros, médicos e psicólogos (Santos, 2010). No estudo de Zaleski (1984, in Zuckerman, 1994), o autor conclui que bombeiros e profissionais de salvamento nas montanhas, ou minas polacas, apresentavam resultados mais elevados do que o grupo de controlo na subescala da Desinibição (DIS) e resultados menores do que um grupo de desportistas na subescala da Procura de Aventura e Emoção (TAS). Sugerindo que nestas profissões de risco era mais importante a desinibição do que a atracção pelo risco físico.

Zuckerman (1994, p. 168) avança com uma explicação que relaciona a o traço de personalidade com a classe socioeconómica, defendendo que *“a classe média procura sensações através de atividades como paraquedismo ou esqui, enquanto a classe trabalhadora o faz através do consumo social de álcool, das lutas e do sexo ocasional”*. Acrescenta o mesmo autor, que os indivíduos que procuram sensações e que têm profissões consideradas de risco procuram, ainda, nos seus tempos livres, sensações de risco adicionais. Segundo Zuckerman (1994) a procura de sensações está correlacionada negativamente com a satisfação no trabalho monótono e em funções que não requerem muitas competências ou tomadas de decisão.

A necessidade de novidade também é uma característica que se relaciona com o traço de procura de sensações, assim como a necessidade de mudança (Zuckerman, 1994). Relativamente à prática de desporto, os estudos indicam que os indivíduos com um traço de procura de sensações elevado apresentam uma maior probabilidade de participar em atividades físicas com riscos envolvidos, como o alpinismo, paraquedismo, esqui, mergulho submarino, surf e canoagem (Zuckerman, 2007).

### **1.3. Extroversão e Procura de Sensações: estudos empíricos**

Após a breve descrição do modelo teórico base dos traços de personalidade iremos debruçar-nos, agora, com maior detalhe sobre os traços de personalidade extroversão e procura de sensações. O nosso trabalho investiga os traços de personalidade em praticantes de desportos com riscos envolvidos, pelo que consideramos pertinente fazer referência a alguns estudos empíricos sobre estes traços em desportos de alto risco.

O traço de personalidade extroversão tem sido alvo de estudo de inúmeros autores, traduzindo-se numa diversidade de definições. Eysenck (1990) refere o traço de extroversão/introversão como tendo sido por Galeno, que por sua vez se referiu a este tipo como sendo baseado nos “humores” do corpo: fleumático, sanguíneo e colérico.

Segundo Jung (1933, in Oliveira, 2008) o traço de personalidade extroversão constituía a principal dimensão da personalidade. Para este autor, esta dimensão da personalidade normal varia num contínuo extroversão/introversão, em que a extroversão estaria relacionada com a orientação para o mundo exterior, e a Introversão relacionar-se-ia com a orientação para o mundo interior. Também Eysenck (1990) considera o traço extroversão/introversão como sendo uma dimensão normal da personalidade, chegando a esta conclusão através do método da análise fatorial.

Para Zuckerman (1996) o fator extroversão está relacionado com a sociabilidade e a intolerância ao isolamento. De igual forma, Eysenck (1990) considera que o traço extroversão é caracterizado pela apreciação de afetos positivos, sobretudo ao nível social. Para este autor, a extroversão é composta por fatores como a sociabilidade, emoções positivas, vivacidade, actividade, assertividade, procura de sensações, despreocupação, domínio e tendência para a aventura. Alguns autores referem que a extroversão se baseia na assertividade ou na expressão aberta dos impulsos, considerando-a também, como fundamentada na confiança, dominância, sociabilidade, actividade e no sentimento de felicidade (Barrick & Mount, 1991; Digman, 1990; Lucas *et al.*, 2000).

No que diz respeito a características individuais, o indivíduo extrovertido é caracterizado como sendo sociável, gosta de festas, tem muitos amigos, precisa de pessoas com quem possa falar e não gosta de ler ou estudar sozinho, transmite excitação, corre riscos, age no impulso do momento e é, geralmente, um indivíduo impulsivo. Contrariamente, o indivíduo introvertido é descrito como alguém que está sempre quieto, é introspetivo, é mais afetuoso com os livros do que com as pessoas, é reservado e distante, exceto com os seus amigos íntimos. É também caracterizado por planear as coisas previamente, não gosta de excitação, resolve as questões do dia-a-dia com seriedade e gosta de um estilo de vida bem definido. Este indivíduo controla bem os seus sentimentos, raramente manifesta um comportamento agressivo e não perde o controlo facilmente. É uma pessoa de confiança, um pouco pessimista e que dá muita importância às questões éticas (Oliveira, 2008). Apesar desta descrição, é importante realçar que a dicotomia Extroversão-Introversão expressa-se num contínuo, ou seja, as pessoas não são exclusivamente extrovertidas ou unicamente introvertidas, elas possuem aspetos de ambos os atributos, mas globalmente tendem a ser de um tipo ou do outro (Eysenck, 1990).

Existem estudos que investigaram a relação entre extroversão e procura de sensações e por exemplo, Breivik (1991, in Zuckerman, 2007) comparou paraquedistas militares noruegueses com paraquedistas desportivos (civis) e militares recrutas da tropa normal. Os paraquedistas militares obtiveram valores mais elevados do que os recrutas da tropa normal nas escalas SSS Total e TAS, DIS, e nas subescalas BS. No entanto, os paraquedistas militares não diferiram dos paraquedistas civis em qualquer subescala exceto ES, em que os paraquedistas civis apresentaram resultados superiores. Os dados recolhidos sobre o traço de procura de sensações pelo autor sobre vários grupos de participantes no desporto com risco envolvidos, permitiram verificar que os alpinistas expedicionários encontram-se no lugar cimeiro da tabela de procura de sensações, sendo esta amostra composta por

aqueles que haviam escalado os mais altos picos, incluindo o Monte Evereste. Também o grupo de paraquedistas de queda-livre, os alpinistas de elite e a canoagem de “águas brancas” apresentaram as maiores pontuações de procura de sensações, não só no total e TAS, mas também no ES. A única distinção entre estes grupos foi a alta pontuação de DIS nos paraquedistas.

Guszkowska e Bołdak (2010) examinaram o nível de intensidade do traço de personalidade procura de sensações em sujeitos do sexo masculino envolvidos em desportos de alto risco como o paraquedismo, alpinismo, parapente, entre outros; concluindo que os praticantes do sexo masculino são caracterizados por uma maior necessidade de sensações em comparação ao grupo de controlo em quase todas as dimensões da SSS. Ainda quanto ao sexo, Burnik, Snežana e Kajtna (2008) ao estudarem as diferenças no traço procura de sensações em atletas masculinos e femininos que se envolvem em desportos de alto-risco não encontraram diferenças nos praticantes de alpinismo. Segundo os autores, este facto mostra que existem menores diferenças entre homens e mulheres – atletas, do que entre homens e mulheres – não – atletas.

Kajtna e colaboradores (2004) compararam uma amostra de atletas praticantes de desportos de alto-risco, pouco risco e não desportistas, concluindo que os atletas dos desportos de alto-risco obtinham os valores mais elevados em estabilidade emocional<sup>2</sup>, que eram seguidos pelos não-atletas e que os valores mais baixos eram registados pelos atletas dos desportos com pouco risco.

Freixanet (1991, p.1093) investigou o relacionamento entre traços de personalidade e participação em desportos de alto risco numa amostra de desportistas em comparação a não-desportistas e os seus resultados parecem indicar que existe uma personalidade de sujeitos envolvidos em desportos de alto risco físico, que partilham características, como *“extraversão, estabilidade emocional, conformidade às normas sociais, e de procura de desafio e experiência pelos meios sociavelmente aceite”*. Neste estudo o grupo de alpinistas de elite obtiveram os valores mais altos em Extroversão e os mais baixos em Neuroticismo. Os praticantes de desporto diferem dos outros grupos sendo mais Extrovertidos, e tendo baixos valores em Neuroticismo e valores mais elevados em Psicoticismo. Os resultados obtidos por Freixanet (1991) são similares com aqueles obtidos

---

<sup>2</sup> Nota: A dimensão *estabilidade emocional* (do modelo alternativo da estrutura básica de personalidade - BIG FIVE - de Goldberg, 1990) refere-se às atividades energéticas e dinâmicas, comunicabilidade e desafio, a habilidade de reforçar a sua própria vontade, a ser um líder e capacidade de influenciar os outros. Esta dimensão também é mencionada como *Extraversão* por McCrae e Costa (1997).

por Eysenck e colaboradores (1982), à exceção da dimensão Psicoticismo. Os sujeitos “arriscados” em comparação com os do grupo de controlo são significativamente mais extrovertidos, mais estáveis e não se diferenciam na dimensão Psicoticismo.

Celsi e colaboradores (1993) através de um estudo etnográfico sugerem, elegantemente, as razões porque algumas pessoas se envolvem no paraquedismo utilizando palavras como: Sobrevivência, Concretização, Identidade Pessoal e Processo de aculturação. Segundo estes autores, os motivos, inicialmente tidos como normativos e externamente derivados, evoluem para motivos de eficácia, formação da identidade e experiência transcendente. Em última instância, as atividades de alto risco fornecem aos indivíduos um contexto favorável para o desempenho num contexto cuidadosamente delimitado para combinar suas habilidades e motivações.

Ronan e Jack (1998) ao tentarem replicar e ampliar pesquisas anteriores nesta área usando participantes de desportos de alto e baixo risco, encontraram que o traço procura de sensações estava integrado dentro de um amplo traço chamado procura impulsiva de sensação e que o valor total de procura de sensação entre os participantes de desportos de alto risco, varia entre alto e baixo. Este mesmo resultado foi encontrado por Freixanet (1991).

Zuckerman (2007) aponta para que, relativamente à prática de desporto, os indivíduos com um traço de procura de sensações alto, apresentem uma maior probabilidade de participar em atividades de risco, como o alpinismo, paraquedismo, parapente, entre outras.

## **2. METODOLOGIA**

Descrevemos neste capítulo o método utilizado no âmbito do estudo empírico efetuado para em seguida procedermos à análise e discussão dos resultados obtidos. Este trabalho tem como objetivos conhecer a prevalência dos traços de personalidade (procura de sensações, extroversão, neuroticismo e psicoticismo) numa amostra de 150 portugueses consumidores de desportos de alto risco, pouco risco e não desportistas; examinar a relação entre a prática destes desportos e os traços de personalidade dos seus consumidores; e analisar como se associam entre si esses traços e como variam em função da idade, profissão, escolaridade, tempo de prática de atividade, gosto/interesse pela atividade e motivação. Como os participantes dos desportos de alto risco obtêm valores altos em procura de sensações, mas em contexto nacional não são conhecidos os traços de personalidade mais caraterísticos dos seus praticantes, também se pretende comparar os valores obtidos neste estudo com os valores obtidos por estudos realizados noutros países e conhecidos na literatura.

Em função destes objetivos quatro hipóteses foram formuladas:

- H1 - Existe um perfil de personalidade específico e homogéneo quer nos praticantes dos desportos de alto risco, quer nos de pouco risco, traduzido por maior ou menor prevalência de certos traços;

- H2 – Existem diferenças significativas de valores em procura de sensações nos praticantes destes desportos conforme sexo, habilitações literárias, profissão, tempo de prática de atividade, gosto/interesse pela atividade e motivação;

- H3 - Os praticantes com valores mais elevados em procura de sensações apresentam um traço de personalidade de extroversão;

Seguidamente serão apresentados os instrumentos e procedimentos utilizados no estudo empírico e efetuaremos a caraterização da amostra dos participantes inquiridos.

### **2.1. Instrumentos**

Para a avaliação do papel da personalidade na participação desportiva, utilizamos a escala de procura de sensações “Sensation Seeking Scale - SSS-V” de Zuckerman (1994) e o questionário de personalidade de Eysenck “Eysenck Personality Questionnaire EPQ-R-S” de Eysenck e Eysenck (1991). Atualmente, os níveis de exigência internacionais são máximos, e os valores de Extroversão, Neuroticismo e Psicoticismo obtidos pelo EPQ são

razoavelmente precisos aos padrões do IRT<sup>3</sup> (Ferrando, 2003). Considerando as particularidades deste estudo e tendo em conta os objetivos propostos foi construído um questionário (apresentado em Anexo) no qual, através de perguntas versando direta e indiretamente diversas atitudes, sintomas psicológicos e traços de personalidade, tentamos perceber uma série de fatores que se ligam aos padrões de personalidade básicos do praticante de desportos com risco envolvidos.

Assim, o questionário foi composto por três grandes grupos. O Grupo I foca questões sociodemográficas consideradas pertinentes para o estudo, nomeadamente a idade, sexo, estado civil, habilitações literárias, profissão, actividade praticada, tempo de prática da actividade, motivação para a prática da actividade e quantificação do gosto/interesse na actividade.

O Grupo II corresponde à avaliação do traço de procura de sensações, e para este efeito foi utilizado a escala de procura de sensações “Sensation Seeking Scale - V” de Zuckerman (1994; Oliveira, 2008), composta por 40 itens, tendo cada item duas opções de resposta (A e B), agrupados em quatro subescalas:

- Procura de Emoção e Aventura (TAS): expressa o desejo de participar em desportos ou outras actividades físicas de risco que desencadeiam sensações incomuns de velocidade ou de desafio da gravidade;
- Procura de Experiências (ES): descreve a procura de sensações e experiências novas através da mente e dos sentidos, actividade intelectual ou sensorialmente estimulante ou através de actividades sociais não-conformistas;
- Desinibição (DIS): descreve a preferência por actividades que promovam a socialização (festas, consumo de substâncias, variedade de parceiros sexuais);
- Intolerância ao Aborrecimento (BS): refere-se à intolerância a experiências repetitivas ou rotineiras e à monotonia.

Cada subescala é composta por dez itens e pode-se calcular o valor total do traço de procura de sensações pelo somatório das respostas nas quatro subescalas. Os valores podem variar entre zero e dez para cada subescala e entre zero e quarenta para a escala total. O SSS-V tem sido muito utilizado em diversas pesquisas no campo do traço de personalidade procura de sensações e desportos de alto-risco. São exemplos os estudos de Burnik, Snežana e Kajtna (2008); Cazenave (2007); Freixanet (1991); Guskowska e Bołdak (2010); Levenson, (1990); Ronan & Jack (1998), entre os mais citados.

---

<sup>3</sup> A metodologia do IRT (Item Response Theory) utiliza amostras numerosas para atingir itens/estimativas estáveis.



No que diz respeito à consistência interna da versão utilizada do SSS-V em estudos efetuados em Portugal, usando a mesma versão, podemos verificar (Quadro 1) que os valores são aproximados aos encontrados na literatura e que no nosso estudo, embora obtendo valores em SS Totais mais baixos (talvez por optarmos ter um grupo de controlo proporcional aos grupos experimentais, que não pratica desportos), estes encontram-se próximos dos valores apresentados por outros autores. Os valores obtidos no nosso estudo em TAS encontram-se próximos dos valores encontrados por Zuckerman (1994), Deditius-Island e Caruso (2002) e os valores de ES são os mais elevados em contexto português, sugerindo uma boa consistência interna nestas dimensões.

Quadro 1. Valores do  $\alpha$  (Alfa) de Cronbach para o SSS-V

<i>n</i>	<b>Estudos</b>	TAS	ES	DIS	BS	SS TOTAL
	Zuckerman, M. (1994)					
	Mínimo do alfa	.77	.61	.74	.56	.83
	Máximo do alfa	.82	.67	.78	.65	.86
350 ( Masc.)	Oliveira, J. (2008)	.77	.51	.61	.54	.79
88 (17 Masc., 71 Fem.)	Moreira, M. (2008)	.74	.52	.65	.46	.76
134 (10 Masc., 124 Fem.)	Santos, S. (2010)	.71	.51	.70	.52	.75
Meta-análise (média)	Deditius-Island & Caruso (2002)	.75	.69	.69	.62	.76
<b>150 (109 Masc., 41 Fem.)</b>	<b>Neste estudo</b>	<b>.75</b>	<b>.55</b>	<b>.54</b>	<b>.36</b>	<b>.70</b>

O Grupo III corresponde à avaliação da estrutura básica da personalidade do adulto segundo o já referido modelo “Big Three” (Eysenck, 1990). Utilizamos o questionário de personalidade de Eysenck “Eysenck Personality Questionnaire – EPQ-R-S”, versão revista e reduzida de 48 itens (Eysenck & Eysenck, 1991, 1996; Oliveira, 2008) para operacionalizar a medição dos três traços básicos da personalidade – Extroversão (E), Neuroticismo (N) e Psicoticismo (P). Esta escala compreende igualmente uma escala de Sinceridade (S), originalmente designada por (L). Cada escala é composta por doze itens.

A escala de Psicoticismo tem a ver com disposições tais como agressividade, egocentrismo, individualismo, impulsividade ou antissocialidade. Resultados baixos nesta dimensão são característicos de sujeitos altruístas, empáticos e convencionais. Enquanto os resultados altos se associam a indivíduos impulsivos ou pouco socializados.

A escala de Extroversão encontra-se ligada a características tais como a sociabilidade, assertividade, procura de sensações, dominação, actividade ou excitabilidade. Valores baixos correspondem a sujeitos introvertidos, reservados, discretos

e sociavelmente inibidos, enquanto valores altos traduzem um funcionamento extrovertido, sociável e ativo.

A escala de Neuroticismo relaciona-se com atributos ligados à ansiedade, depressão, sentimentos de culpa, irracionalidade ou timidez. Resultados baixos nesta escala sugerem estabilidade emocional e poucas preocupações, enquanto os resultados elevados são indicadores de apreensão, ansiedade e humor depressivo.

A escala de Sinceridade é uma escala de validade, já que é considerada uma medida de desejabilidade e conformismo social e também de dissimulação, constituindo um indicador de aquiescência (Francis, 1991, in Oliveira, 2008). Eysenck e Eysenck (1996) definiram a dimensão Sinceridade como sendo essencialmente um traço de conformismo social, sem no entanto negligenciarem que os resultados muito elevados na escala podem remeter para um mecanismo de simulação associado à falsificação deliberada dos resultados no sentido favorável. Resultados baixos nesta escala remetem para características relacionadas com a sinceridade e o inconformismo, enquanto os resultados elevados poderão reenviar para o conformismo social e para a dissimulação.

Eysenck e Eysenck (1996) procederam à análise de fidelidade das quatro escalas em dois grupos distintos (homens e mulheres), com idades compreendidas entre ao 16 e os 70, tendo encontrado valores superiores para o sexo masculino. Valores diferentes foram encontrados por Francis e colaboradores (2006) em Alemanha. Nos vários estudos a escala de psicoticismo surge como problemática devido aos baixos valores que apresenta, o que nos leva a pensar que esta escala poderá funcionar de forma mais satisfatória numas culturas do que noutras. Na nossa amostra os valores seguem a tendência dos estudos anteriores. No que diz respeito à consistência interna da versão do EPQ-R-S (Quadro 2) os  $\alpha$  de Cronbach apresentam valores aceitáveis, embora menores ao da escala original.

Quadro 2. Valores do  $\alpha$  (Alfa) de Cronbach para o EPQ-R-S

<i>n</i>	Estudos	Neuroticismo	Psicoticismo	Extroversão	Sinceridade
	Eysenck & Eysenck (1996)				
	Masculino	.84	.62	.88	.77
	Feminino	.80	.61	.84	.73
350 (Masc.)	Oliveira, J. (2008)	.83	.56	.83	.70
	Francis, Christopher & Lewis Ziebertz (2006).	.81	.41	.85	.63
<b>150 (109 Masc., 41 Fem.)</b>	<b>Neste estudo</b>	<b>.81</b>	<b>.47</b>	<b>.70</b>	<b>.61</b>

## 2.2. Procedimento

A recolha de dados foi efetuada em várias empresas/clubes de desportos de aventura em Portugal Continental recorrendo a uma amostra de por conveniência, pois o investigador, que também é praticante de desportos com alto-risco envolvido, conhece o meio “aventura”. Os primeiros questionários foram aplicados pelo investigador aos responsáveis por cada uma destas empresas, também praticantes da actividade respetiva. Este “pré-teste” serviu para colmatar eventuais dúvidas durante o seu preenchimento, bem como, ajustar o procedimento da aplicação do questionário. Foi-lhes fornecido um documento suporte onde, para além de uma breve fundamentação teórica do estudo e seus fins (académico e científico), continha os passos do procedimento e as instruções de aplicação. Foi transmitido o carácter voluntário, anónimo e confidencial dos questionários. O questionário é composto, maioritariamente, por questões de tipo fechado e as instruções de preenchimento encontram-se expostas na face do questionário. Posteriormente, os restantes questionários foram aplicados pelos próprios responsáveis das instituições aos seus clientes. Foram distribuídos 180 questionários pelas quatro empresas /clubes de desportos de alto e moderado-risco, dos quais só foram devolvidos 170, tendo sido eliminados 11 por erros de preenchimento e 9 por não respostas. Restaram 150 questionários para análise. Os questionários foram aplicados entre Outubro de 2011 e Março de 2012. Os dados foram tratados no *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 19.

## 2.3. Participantes

Integram a amostras 150 praticantes de várias atividades desportivas de diversas empresas/clubes de desportos de alto e moderado-risco de Portugal Continental, com idades entre os 16 e os 65 anos de idade ( $M = 30,25$  e  $DP = 9,22$ ), sendo a maioria do sexo masculino (Quadro 3). Os 94 sujeitos que praticam atividade desportiva, fazem-no em média há mais de 3 anos ( $M = 3,17$ ;  $DP = 1,01$ ).

Quadro 3. Distribuição de frequências por **sexo**

Sexo	Frequência	Percentagem
<b>Masculino</b>	<b>109</b>	<b>72,7</b>
Feminino	41	27,3
Total	150	100,0

Três grupos foram formados em função do seu envolvimento com atividades com risco envolvidas: um grupo de 50 praticantes de atividades de alto risco; um grupo de 46 praticantes de atividades de pouco risco, e um grupo de controlo de 54 não desportistas. Para diferenciar os grupos, no Grupo I do questionário era solicitado que tipo de atividade praticava, fornecendo alguns exemplos (paraquedismo, canoagem, piloto de ultraleve). No caso de resposta afirmativa, o tempo de prática da dessa actividade e motivo/interesse na mesma. O grupo dos praticantes de atividades de alto risco foi diferenciado dos outros por serem atividades em que a sua prática pode provocar a morte do próprio caso o equipamento falhe ou o seu julgamento (Celsi *et al.*, 1993; Lyng, 1990). Breivik (2010, p.262) define o termo “alto risco” como “*qualquer desporto, onde o praticante tem de aceitar a possibilidade de sofrer sérios ferimentos ou até morte como parte da actividade*”. O grupo de praticantes de pouco risco foi diferenciado por serem praticantes de atividades desportivas e não consideradas de alto risco. O grupo de controlo era constituído por não praticantes qualquer actividade desportiva.

Relativamente às habilitações literárias (Quadro 4) existe evidente predominância de sujeitos com o 12º ano, seguida por sujeitos com frequência universitários. Quanto ao estado civil (Quadro 5), constata-se uma predominância dos solteiros relativamente aos casados ou em união de facto.

Quadro 4. Distribuição de frequências por **habilitações literárias**

<b>Habilitações Literárias</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
Até ao 9.º Ano	22	14,7
<b>Até ao 12º ano</b>	<b>48</b>	<b>32,0</b>
Frequência universitária	29	19,3
Licenciatura	34	22,7
Mestrado ou Pós-graduação	17	11,3
Total	150	100,0

Quadro 5. Distribuição de frequências por **estado civil**

<b>Estado Civil</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
<b>Solteiro</b>	<b>77</b>	<b>51,3</b>
Casado ou união de facto	58	38,7
Divorciado, separado ou viúvo	15	10,0
Total	150	100,0

Quanto ao tempo de prática da atividade (Quadro 6), verifica-se que a maioria dos praticantes são-no há mais de 4 anos e mais de metade da nossa amostra é praticante de algum tipo de atividade há mais de 3 anos.

Quadro 6. Distribuição de frequências por **tempo de exercício da atividade**

<b>Tempo de prática</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Menos de 1 ano	7	4,7
Mais de 1 ano e menos de 3	20	13,3
Mais de 3 anos e menos de 5	17	11,3
<b>4 Mais de 5 anos</b>	<b>50</b>	<b>33,3</b>
Não responde	56	37,3
Total	150	100,0

No que diz respeito à profissão, categorizada de acordo com a Classificação Nacional das Profissões – CNP (Quadro 7), observa-se que há uma maior percentagem de sujeitos na categoria Pessoal dos Serviços e Vendedores, seguida dos Especialistas das profissões intelectuais e científicas.

Quadro 7. Distribuição de frequências por **profissão**

<b>Categoria a que pertence</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Estudantes (não profissão)	22	14,7
Quadros Superiores da Administração; Quadros Superiores de Empresa	12	8,0
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	30	20,0
Técnicos e profissionais de Nível Intermédio	9	6,0
Pessoal Administrativo e Similares	6	4,0
<b>Pessoal dos Serviços e Vendedores</b>	<b>57</b>	<b>38,0</b>
Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas	1	0,7
Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	5	3,3
Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	0	0
Trabalhadores Não Qualificados	5	3,3
Não responde	3	2,0
Total	150	100,0

Relativamente à motivação para ser praticante da atividade (Quadro 8), a maioria refere a procura da emoção provocada pela adrenalina. Quanto ao gosto/interesse pela prática da atividade (Quadro 9), avaliados por uma escala de tipo Likert com 5 opções de resposta (1-5), constata-se uma predominância da opção 5.

Quadro 8. Distribuição de frequências por **motivação para a prática da atividade**

<b>Motivo</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Adrenalina/Emoção</b>	<b>49</b>	<b>32,7</b>
Liberdade	8	5,3
Convívio	5	3,3
Desporto	11	7,3
Natureza	10	6,7
Outro	6	4,0
Não responde	61	0
Total	150	100,0

Quadro 9. Distribuição de frequências por **gosto/interesse pela prática da atividade**

<b>Gosto/Interesse</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Interesse	1	1,2
Considerável interesse	8	9,6
<b>Muito interesse</b>	<b>72</b>	<b>86,7</b>
Total	83	100,0

Relativamente à atividade praticada (Quadro 10) verifica-se que a atividade mais praticada é o paraquedismo.

Quadro 10. Distribuição de frequências por **atividade praticada**

<b>Motivo</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Alto risco</b>		
<b>Paraquedismo</b>	<b>34</b>	<b>22,7</b>
Rafting	3	2,0
Ultraleves	8	5,3
Alpinismo	2	1,3
Parapente	1	0,7
B.A.S.E.	2	1,3
Total	50	33,3
<b>Pouco risco</b>		
<b>Canyoning</b>	<b>18</b>	<b>12,0</b>
Canoagem	3	2,0
Escalada	3	2,0
Futebol	10	6,7
Motociclismo	1	0,7
Dança	2	1,3
Natação	2	1,3
Atletismo	3	2,0
Pólo aquático	1	0,7
Musculação	1	0,7
Não responde	4	2,7
Total	46	30,7
<b>Não desportistas</b>		
Total	54	36,0

Terminada a descrição do método, avançamos para a apresentação dos resultados.

### **3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Iremos apresentar os resultados obtidos, começando por uma análise descritiva relativamente a cada traço de personalidade (procura de sensações e extroversão) e respetivas dimensões, para depois compararmos os valores do nosso estudo com os de outros estudos internacionais e portugueses. Posteriormente será efetuada uma análise comparativa dos valores médios de cada grupo de risco em cada dimensão da EPQ-R-S e da SSS-V, tentando responder à primeira hipótese formulada. Seguidamente, para testarmos a segunda hipótese, realizamos análises de diferenças de médias nas dimensões da SSS-V em função do grau de risco e das variáveis sociodemográficas. Por último, efetuamos análises de correlação entre os dois traços, procurando testar a última hipótese formulada.

No que se refere à análise descritiva (Quadro 11) relativamente ao traço de personalidade procura de sensações, identificamos para a dimensão procura de emoção e aventura (TAS) resultados que demonstram que o traço está razoavelmente presente na amostra, considerando a variação possível de 0 a 10 respostas. Relativamente à dimensão procura de experiências (ES) também se observa um valor acima da média. Já a dimensão desinibição (DIS) apresenta um ligeiro valor abaixo da média. A dimensão intolerância ao aborrecimento (BS) é a que se encontra menos presente na nossa amostra. Concluimos assim, que os traços procura de emoção e aventura e procura de experiências são os mais presentes na nossa amostra, contrariamente aos traços intolerância ao aborrecimento e desinibição. Salienta-se ainda que o traço de procura de sensações total está acima da média e razoavelmente presente na amostra, considerando o valor mínimo teórico possível de 0 e o valor máximo teórico possível de 40.

Relativamente às dimensões do EPQ-R-S, verificamos que o traço de extroversão está muito presente, considerando a variação possível de 0 a 12 respostas. A nossa amostra apresenta valores de sinceridade acima da média. O traço de neuroticismo está pouco presente e a dimensão psicoticismo é a menos presente. As dimensões neuroticismo e psicoticismo exibem ambos resultados médios baixos.

Deste modo, podemos concluir que a nossa amostra apresenta padrões de funcionamento extrovertido, sociável, ativo e intolerantes ao isolamento, que se expressam no desejo de participar em desportos ou outras atividades físicas de risco.

Quadro 11. **Médias** obtidas nas duas escalas e nas nove subescalas

Questionário	Subescala	Mínimo	Máximo	Média	D.P.	<i>t</i> (149) *
Sensation Seeking SSS-V (0-10)	TAS	0	10	6,91	2,51	33,67**
	ES	1	10	6,35	1,97	39,36**
	DIS	1	10	4,94	1,95	30,92**
	BS	0	8	3,04	1,74	21,28**
	SSS TOTAL (0-40)	5	34	21,25	6,00	43,37**
Eysenck Personality Questionnaire EPQ-R-S (0-12)	PSICOTICISMO	0	8	3,48	1,72	24,76**
	EXTROVERSÃO	3	12	9,61	2,24	52,35**
	NEUROTICISMO	0	12	4,22	3,07	16,79**
	SINCERIDADE	1	12	6,55	2,26	35,42**

\*Os valores de *t* apresentados reportam-se à comparação da média com o ponto médio da escala de resposta.

\*\* Todos os valores de *p* < .001.

Comparamos os valores do nosso estudo com outros estudos internacionais e portugueses (Quadro 12 e 13), ainda que alguns dos estudos portugueses não tenham sido realizados com desportistas. Consideramos pertinente a comparação, nomeadamente com os estudos realizados em Portugal, que apesar de terem amostras com características distintas da nossa, partilham do facto de terem sido efectuados com indivíduos portugueses.

Relativamente ao traço extroversão, podemos verificar que a nossa amostra é mais extrovertida comparativamente aos estudos internacionais de Eysenck e Eysenck (1996) e de Glicksohn e Bozna (2000) e nacional (Oliveira, 2008). Os valores de psicoticismo da nossa amostra são superiores aos estudos comparados mas os de neuroticismo são inferiores aos encontrados por Eysenck e Eysenck (1996), mas superiores a Glicksohn e Bozna (2000) e Oliveira (2008). Na sinceridade os valores são inferiores a Oliveira (2008), mas superiores aos estudos internacionais.

Quadro 12. **Comparação** com outros estudos com o EPQ-R-S

<i>n</i>	Estudos	Extroversão	Psicoticismo	Neuroticismo	Sinceridade
Dados normativos Inglaterra, N=408	Eysenck & Eysenck (1996)	6.36	3.08	4.95	3.86
Israel, polícias, N=24	Glicksohn & Bozna (2000)	8.50	2.07	1.57	6.48
Portugal, polícias, N=350	Oliveira, J. (2008)	8.93	1.95	2.60	7.96
<b>N= 150</b>	<b>Neste estudo</b>	<b>9.61</b>	<b>3.48</b>	<b>4.22</b>	<b>6.55</b>



Quadro 13. **Comparação** com outros estudos de procura de sensações com o SSS-V

<i>n</i>	Estudos	TAS	ES	DIS	BS	SS Total
Paraquedistas, N=20	Zuckerman, M. (1994)	8.8	6.9	6.5	4.6	26.7
Montanhistas, N=40	Zuckerman, M. (1994)	8.3	7.7	6.0	3.7	25.7
Canoístas, N=32	Zuckerman, M. (1994)	8.8	6.4	5.6	4.0	24.8
Recrutas, N=28	Zuckerman, M. (1994)	6.6	4.8	5.8	3.7	20.9
Alpinistas, 27	Freixanet, M. (1991)	8.11	6.81	4.73	4.81	24.46
Montanhistas, N=72	Freixanet, M. (1991)	8.44	6.76	5.53	4.64	25.37
Portugal, técnicos de redução de risco, N=42	Costa, A. (2008)	6.12	7.05	4.21	2.86	20.23
Portugal, polícias N=150	Mendes, M. (2005)	6.97	4.08	3.52	2.15	16.72
Portugal, polícias N=350	Oliveira, J. (2008)	6.48	4.65	3.85	2.28	17.26
Portugal, estudantes N=134	Santos, S. (2010)	5.87	6.41	4.04	2.56	18.87
<b>N= 150</b>	<b>Neste estudo</b>	<b>6.91</b>	<b>6.35</b>	<b>4.94</b>	<b>3.04</b>	<b>21,25</b>

No que se refere ao traço de procura de sensações, a nossa amostra apresenta na dimensão procura de emoção e aventura (TAS) valores semelhantes aos dos técnicos de redução de riscos (Costa, 2008), aos estudantes (Santos, 2010) e aos médicos (Oliveira, M. 2008). Contudo, apresenta valores inferiores aos polícias (Mendes, 2005) e a todos os estudos internacionais. Na subescala procura de experiências (ES), a nossa amostra apresenta valores semelhantes aos estudantes universitários portugueses (Santos, 2010) e aos canoístas (Zuckerman, 1994), superiores aos valores dos polícias (Oliveira, 2008; Mendes, 2005), mas inferiores aos paraquedistas, alpinistas e montanhistas (Freixanet, 1991; Zuckerman, 1994). Na dimensão desinibição, a nossa amostra apresenta os valores mais elevados em contexto nacional, valores semelhantes aos alpinistas (Freixanet, 1991), mas inferiores aos paraquedistas, montanhistas e canoístas (Freixanet, 1991; Zuckerman, 1994). No que se refere à intolerância ao aborrecimento, os valores encontrados são superiores aos valores dos estudos portugueses, contudo, inferiores aos valores apresentados pelos estudos internacionais.

Por último, quanto à procura de sensações total, os valores evidenciados da nossa amostra são os mais elevados em contexto nacional e dos recrutas (Zuckerman, 1994), mas mais baixos da maioria dos estudos internacionais citados. Podemos concluir que os valores da nossa amostra, nas várias dimensões, são muito próximos dos valores dos técnicos de redução de riscos (Costa, 2008).

Para testarmos a Hipótese 1, fizemos análises de médias de cada grupo de risco em cada dimensão da EPQ-R-S e da SSS-V, de comparação dessas médias com o respectivo ponto médio da escala de resposta e ainda de comparação de médias para cada dimensão entre os três grupos de risco (Quadro 14).

Quadro 14. **Médias** (desvios-padrão) dos grupos de risco e dimensões das escalas.

Escalas	Grupo	N	M	DP	t	p	F	p
Psicoticismo	Alto risco	50	3.84	1.66	(49) = - 9.21	< .001	(2, 147) = 1.68	ns.
	Pouco risco	46	3.26	1.79	(45) = - 10.35	< .001		
	Não desportistas	54	3.33	1.69	(53) = - 11.57	< .001		
Extroversão	Alto risco	50	9.32	2.25	(49) = 10.46	< .001	(2, 147) < 1	-
	Pouco risco	46	9.93	2.24	(45) = 11.94	< .001		
	Não desportistas	54	9.61	2.27	(53) = 11.70	< .001		
Neuroticismo	Alto risco	50	3.82	3.04	(49) = - 5.08	< .001	(2, 147) = 3.55	.031
	Pouco risco	46	3.63	3.07	(45) = - 5.24	< .001		
	Não desportistas	54	5.09	2.99	(53) = - 2.23	< .001		
Sinceridade	Alto risco	50	6.52	2.14	(49) = 1.72	ns.	(2, 147) < 1	-
	Pouco risco	46	6.67	1.91	(45) = 2.39	.021		
	Não desportistas	54	6.46	2.65	(53) = 1.28	ns.		
TAS	Alto risco	50	7.86	1.86	(49) = 10.86	< .001	(2, 147) = 7.58	.001
	Pouco risco	46	6.93	2.45	(45) = 5.35	< .001		
	Não desportistas	54	6.02	2.79	(53) = 2.68	.01		
ES	Alto risco	50	7.16	1.50	(49) = 10.16	< .001	(2, 147) = 7.81	.001
	Pouco risco	46	6.24	1.85	(45) = 4.54	< .001		
	Não desportistas	54	5.70	2.22	(53) = 2.33	.024		
DIS	Alto risco	50	5.26	1.50	(49) = 1.23	ns.	(2, 147) = 1.14	ns.
	Pouco risco	46	4.89	2.29	(45) = - .32	ns.		
	Não desportistas	54	4.69	2.02	(53) = - 1.15	ns.		
BS	Alto risco	50	3.34	1.57	(49) = - 7.46	< .001	(2, 147) = 1.11	ns.
	Pouco risco	46	2.87	2.01	(45) = - 7.2	< .001		
	Não desportistas	54	2.91	1.66	(53) = - 9.25	< .001		
SSS Total	Alto risco	50	23.62	3.86	(49) = 6.62	< .001	(2, 147) = 7.35	.001
	Pouco risco	46	20.93	6.47	(45) = .98	ns.		
	Não desportistas	54	19.31	6.54	(53) = - .77	ns.		

Da análise do Quadro 14 constatámos que relativamente às dimensões psicoticismo e BS os participantes de todos os grupos estão significativamente abaixo do ponto médio da

escala de resposta, revelando que a nossa amostra apresenta intolerância a experiências repetitivas ou rotineiras e à monotonia, e que são sujeitos altruístas, empáticos e convencionais. Quanto à dimensão extroversão, os participantes dos três grupos encontram-se todos significativamente acima do ponto médio da escala de resposta, representando uma amostra com um funcionamento extrovertido, sociável e ativo. Os participantes na dimensão DIS apresentaram valores não significativos ao ponto médio da escala de resposta. Na dimensão sinceridade, os participantes do grupo de alto risco e não desportistas também demonstram valores diferentes, não significativos, em relação ao ponto médio da escala de resposta, enquanto os do grupo de pouco risco, ficaram significativamente acima do ponto médio da escala de resposta, ou seja, os participantes poderão denunciar um eventual conformismo social ou simulação dos resultados no sentido favorável. No entanto, na comparação de médias dos vários grupos, nas diferentes dimensões, verificámos que não existem diferenças de médias significativas nas dimensões psicoticismo, extroversão e sinceridade da EPQ-R-S, nem nas dimensões DIS e BS da SSS-V, o que poderá significar que estamos perante uma amostra homogênea, resultado similar ao encontrado por Guszowska e Bołdak (2010). As diferenças significativas de médias foram encontradas para a dimensão neuroticismo da EPQ-R-S e para as dimensões TAS, ES e SSS Total da SSS-V.

Embora os participantes dos três grupos tenham pontuado significativamente abaixo da pontuação média da escala de resposta na dimensão do Neuroticismo, os participantes dos grupos de alto risco e pouco risco apresentam valores semelhantes, mas têm, significativamente, menos traço de neuroticismo do que os do grupo não desportista, ou seja, isto poderá indicar um perfil para assunção de risco diferentes, também como encontrado por Cazenave e colaboradores (2007). Quanto às dimensões ES e SSS Total, os participantes do grupo de alto risco procuram significativamente mais experiências e mais sensações do que os que pertencem aos grupos de pouco risco e não desportistas, não existindo diferenças significativas na procura de experiências e de sensações entre estes dois últimos grupos. Isto poderá indicar-nos que os praticantes de atividades de alto risco são caracterizados por uma maior necessidade de sensações, diferenças também encontradas por Guszowska e Bołdak (2010). Finalmente na dimensão TAS constatámos que os participantes do grupo de alto risco e pouco risco e os do pouco risco e não desportistas procuram igualmente emoções e aventura. No entanto, os participantes do grupo de alto risco procuram significativamente mais emoções e aventura, do que os do

grupo não desportistas, o que poderá corroborar a diferenças entre perfis dos grupos também encontrada por Cazenave e colaboradores (2007).

Para analisarmos quais os traços mais salientes da EQP-R-S e da SSS-V, em cada grupo, realizamos duas análises de variância de medidas repetidas, uma para cada conjunto de quatro dimensões que compõem cada uma das escalas. Quanto à EPQ-R-S, constatámos que existem diferenças significativas entre as dimensões, em cada um dos grupos de risco ( $F(3,147) = 57.63, p < .001, \eta^2 = .54$ ;  $F(3,135) = 81.36, p < .001, \eta^2 = .644$ ;  $F(3,159) = 61.45, p < .001, \eta^2 = .537$ , para alto risco, pouco risco e não desportistas, respetivamente). Nos grupos de alto risco e pouco risco, as dimensões igualmente menos salientes são o psicoticismo e o neuroticismo, seguidas da dimensão sinceridade e finalmente da dimensão extroversão. No grupo dos não desportistas, o padrão encontrado foi ligeiramente diferente, constatando-se que os participantes deste grupo têm a dimensão do neuroticismo mais saliente do que a do psicoticismo, seguida da dimensão sinceridade e finalmente da dimensão extroversão. Ou seja, neste grupo, tal como nos outros, a dimensão mais saliente é a extroversão, mas a menos saliente é apenas a dimensão do psicoticismo.

Tal como para as dimensões da EQP-R-S, na SSS-V constatámos que também existem diferenças significativas entre as dimensões, em cada um dos grupos de risco ( $F(3,147) = 92.39, p < .001, \eta^2 = .653$ ;  $F(3,135) = 53.39, p < .001, \eta^2 = .543$ ;  $F(3,159) = 35.85, p < .001, \eta^2 = .403$ , para alto risco, pouco risco e não desportistas, respetivamente). No grupo de alto risco, as dimensões ordenam-se por grau de saliência desde a dimensão BS, seguida da dimensão DIS, depois da dimensão ES e finalmente da dimensão TAS. Ou seja, os participantes deste grupo procuram muitas emoções e aventura e são pouco intolerantes ao aborrecimento. Nos grupos de pouco risco e não desportistas o padrão, apesar de bastante semelhante, apresenta uma diferença, uma vez que nestes dois grupos a procura de emoções e aventura e a procura de experiências são igualmente salientes e são seguidas pela desinibição e finalmente pela intolerância ao aborrecimento.

Em termos de perfil de personalidade e de prevalência de traços, podemos concluir que, no que diz respeito aos traços de personalidade de Eysenck, medidos pelo EQP-R-S, os participantes dos três grupos apresentaram um padrão similar de traços, com valores baixos nas dimensões do psicoticismo e neuroticismo, valores médios na dimensão sinceridade e valores elevados na dimensão extroversão. No entanto, o grupo não desportista evidenciou maior prevalência da dimensão neuroticismo do que os grupos de alto risco e pouco risco, ainda que em termos globais se tenha posicionado abaixo da média de resposta, como os restantes grupos. Por outro lado, embora não existam diferenças

significativas entre os grupos na dimensão sinceridade, o grupo do pouco risco foi o único a pontuar significativamente acima do ponto médio da escala de resposta nesta dimensão.

No que diz respeito ao traço de procura de sensações, medido pela SSS-V, os participantes dos três grupos apresentaram valores baixos na dimensão BS, valores médios na dimensão DIS e valores altos na dimensão TAS, embora nesta última dimensão os do grupo alto risco tenham pontuado significativamente acima dos do grupo não desportistas. Na dimensão ES, os participantes dos grupos de alto risco e pouco risco apresentaram valores relativamente altos e acima do ponto médio da escala de resposta, enquanto os do grupo não desportistas apresentaram valores mais baixos e significativamente abaixo da média da escala de resposta. Dos três grupos, os do grupo alto risco revelaram uma saliência nesta dimensão significativamente superior aos restantes grupos. Na dimensão SSS Total o padrão foi ligeiramente diferente, sendo que apenas os do grupo alto risco apresentaram valores acima da média da escala de resposta nesta dimensão, enquanto os dos grupos de pouco risco e não desportistas apresentaram valores na média da escala de resposta. No entanto, tal como na dimensão anterior, foram os participantes do grupo de alto risco os que revelaram maior saliência nesta dimensão.

Da conjugação destes resultados, podemos concluir que embora exista uma considerável sobreposição nos padrões de características encontrados para os três grupos, existem, ainda assim, algumas características diferenciadoras entre os três grupos. A evidenciar, uma maior prevalência da dimensão neuroticismo nos participantes que não praticam nenhuma atividade desportiva, maior procura de experiências e de sensações nos praticantes de atividade desportiva de alto risco, e maior procura de emoções e aventura nos praticantes de atividades desportivas de alto risco, quando comparados com os participantes que não praticam nenhuma atividade desportiva.

Estes resultados dão algum suporte à nossa Hipótese 1, na medida em que verificamos que determinados traços de personalidade variam conforme o tipo de atividade desportiva envolvida, mas não foi encontrado um perfil específico e homogéneo nos praticantes de alto risco, pouco risco ou não desportistas, resultado coincidente no estudo de Guszowska e Bołdak (2010).

Para testarmos a Hipótese 2, analisamos a existência de efeitos significativos do grupo de risco dos desportistas, das diferentes variáveis sociodemográficas e da interação entre estas variáveis, realizando análises de variância multivariada para todas as dimensões da SSS-V e para a SSS Total.

### ***Análises de diferenças de médias nas dimensões da SSS-V, em função do grau de risco e do sexo***

Existem efeitos significativos de risco nas dimensões TAS,  $F(2,144) = 7.55$ ,  $p = .001$ ,  $\eta^2 = .095$  ( $M = 7.86$ ,  $DP = 1.86$ ;  $M = 6.93$ ,  $DP = 2.45$ ;  $M = 6.02$ ,  $DP = 2.79$ , para alto risco, pouco risco e não desportistas, respetivamente, ou seja, os praticantes de alto risco procuram significativamente mais emoção e aventura, do que os praticantes de pouco risco ou do que os não praticantes, não existindo diferenças na procura de emoções e aventura entre praticantes de pouco risco e não desportistas; ES,  $F(2,144) = 5.43$ ,  $p = .005$ ,  $\eta^2 = .070$  ( $M = 7.16$ ,  $DP = 1.50$ ;  $M = 6.24$ ,  $DP = 1.85$ ;  $M = 5.70$ ,  $DP = 2.22$ , para alto risco, pouco risco e não desportistas, respetivamente, ou seja, os praticantes de pouco risco procuram tantas experiências como os praticantes de alto risco e os não desportistas, mas os desportistas de alto risco procuram significativamente mais experiências do que os não desportistas; e SSS Total,  $F(2,144) = 5.28$ ,  $p = .006$ ,  $\eta^2 = .068$  ( $M = 23.62$ ,  $DP = 3.86$ ;  $M = 20.93$ ,  $DP = 6.47$ ;  $M = 19.31$ ,  $DP = 6.54$ , para alto risco, pouco risco e não desportistas, respetivamente, ou seja, os desportistas de alto risco procuram significativamente mais sensações do que os desportistas de pouco risco ou do que os não desportistas, não existindo diferenças na procura de sensações entre desportistas de pouco risco e não desportistas.

Adicionalmente, existe um efeito significativo de sexo para a dimensão DIS,  $F(1,144) = 4.97$ ,  $p = .027$ ,  $\eta^2 = .033$  ( $M = 5.16$ ,  $DP = 1.92$ ;  $M = 4.37$ ,  $DP = 1.96$ , para homens e mulheres respetivamente) ou seja, os homens são mais desinibidos do que as mulheres. Zuckerman (1994) refere a existência de diferenças significativas entre géneros no traço de procura de sensações, apresentando o género feminino valores significativamente mais baixos comparativamente ao género masculino na escala de procura de sensações (SSS), sendo que a maior discrepância é verificada na escala Desinibição (DIS).

### ***Análises de diferenças de médias nas dimensões da SSS-V, em função do grau de risco e do estado civil***

Tal como anteriormente, existem efeitos significativos de risco na dimensão TAS,  $F(2,141) = 7.16$ ,  $p = .001$ ,  $\eta^2 = .092$  ( $M = 7.86$ ,  $DP = 1.86$ ;  $M = 6.93$ ,  $DP = 2.45$ ;  $M = 6.02$ ,  $DP = 2.79$ , para alto risco, pouco risco e não desportistas, respetivamente, ou seja, os praticantes de alto risco procuram significativamente mais emoção e aventura, do que os

praticantes de pouco risco ou do que os não desportistas, não existindo diferenças na procura de emoções e aventura entre praticantes de pouco risco e não desportistas; na dimensão ES,  $F(2,141) = 4.07$ ,  $p = .019$ ,  $\eta^2 = .055$  ( $M = 7.16$ ,  $DP = 1.50$ ;  $M = 6.24$ ,  $DP = 1.85$ ;  $M = 5.70$ ,  $DP = 2.22$ , para alto risco, pouco risco e não desportistas, respetivamente, ou seja, os praticantes de pouco risco procuram tantas experiências como os praticantes de alto risco e os não desportistas, mas os praticantes de alto risco procuram significativamente mais experiências do que os não desportistas; e na dimensão SSS Total,  $F(2,141) = 5.81$ ,  $p = .004$ ,  $\eta^2 = .076$  ( $M = 23.62$ ,  $DP = 3.86$ ;  $M = 20.93$ ,  $DP = 6.47$ ;  $M = 19.31$ ,  $DP = 6.54$ , para alto risco, pouco risco e não desportistas, respetivamente, ou seja, os praticantes de alto risco procuram significativamente mais sensações do que os praticantes de pouco risco e do que os não desportistas, não existindo diferenças na procura de sensações entre praticantes de pouco risco e não desportistas). Estas diferenças de risco entre alto risco e não desportistas também foram encontradas por Kajtna e colaboradores (2004), explicando que os praticantes de atividades de alto risco tinham maior necessidade de estimulação, concentração, calma e serenidade que é reforçada nestes desportos.

Ainda existem dois efeitos significativos de estado civil: um na dimensão TAS,  $F(2,141) = 4.24$ ,  $p = .016$ ,  $\eta^2 = .057$  ( $M = 7.86$ ,  $DP = 1.86$ ;  $M = 6.93$ ,  $DP = 2.45$ ;  $M = 6.02$ ,  $DP = 2.79$ , para solteiro, casado ou a viver em união de facto e divorciado, separado ou viúvo, respetivamente) e outro na dimensão SSS Total,  $F(2,141) = 3.61$ ,  $p = .03$ ,  $\eta^2 = .049$  ( $M = 23.62$ ,  $DP = 3.86$ ;  $M = 20.93$ ,  $DP = 6.47$ ;  $M = 19.31$ ,  $DP = 6.54$ , para solteiro, casado ou a viver em união de facto e divorciado, separado ou viúvo, respetivamente). Ou seja, os solteiros procuram significativamente mais emoções e aventura do que os casados ou a viver em união de facto e os divorciados, separados ou viúvos, e os casados ou a viver em união de fato procuram tantas emoções e aventura como os divorciados, separados ou viúvos. O mesmo padrão foi encontrado para a procura de sensações com os solteiros a procurarem significativamente mais sensações do que os casados ou a viver em união de facto e os divorciados, separados ou viúvos, e os casados ou a viver em união de facto a procurarem tantas sensações como os divorciados, separados ou viúvos.

### ***Análises de diferenças de médias nas dimensões da SSS-V, em função do grau de risco e das habilitações literárias***

Apenas existem efeitos significativos de risco na dimensão TAS,  $F(2,135) = 5.39$ ,  $p = .006$ ,  $\eta^2 = .074$  ( $M = 7.86$ ,  $DP = 1.86$ ;  $M = 6.93$ ,  $DP = 2.45$ ;  $M = 6.02$ ,  $DP = 2.79$ , para alto risco, pouco risco e não participantes, respetivamente, ou seja, os praticantes de alto

risco procuram significativamente mais emoção e aventura do que os praticantes de pouco risco ou do que os não desportistas, não existindo diferenças na procura de emoções e aventura entre praticantes de pouco risco e não desportistas); na dimensão ES,  $F(2,135) = 4.03$ ,  $p = .002$ ,  $\eta^2 = .056$  ( $M = 7.16$ ,  $DP = 1.50$ ;  $M = 6.24$ ,  $DP = 1.85$ ;  $M = 5.70$ ,  $DP = 2.22$ , para alto risco, pouco risco e não desportistas, respetivamente, ou seja, os praticantes de pouco risco procuram tantas experiências como os praticantes de alto risco e os não desportistas, mas os praticantes de alto risco procuram significativamente mais experiências do que os não desportistas); na dimensão SSS Total,  $F(2,135) = 4.02$ ,  $p = .002$ ,  $\eta^2 = .056$  ( $M = 23.62$ ,  $DP = 3.86$ ;  $M = 20.93$ ,  $DP = 6.47$ ;  $M = 19.31$ ,  $DP = 6.54$ , para alto risco, pouco risco e não desportistas, respetivamente, ou seja, os praticantes de alto risco procuram significativamente mais sensações, do que os praticantes de pouco risco ou do que os não participantes, não existindo diferenças na procura de sensações entre praticantes de pouco risco e não desportistas). Não existiu nenhum efeito significativo de habilitações literárias ou interação significativa habilitações literárias x risco significativa em nenhuma das dimensões da SSS-V, maior  $F(4, 135) = 1.43$ , *ns*. Isto é, os traços de procura de sensações não foram influenciados pelas habilitações literárias dos participantes, independentemente do tipo de grupo de risco a que pertençam.

#### ***Análises de diferenças de médias nas dimensões da SSS-V, em função do grau de risco e da profissão***

Relativamente a esta análise, não existem quaisquer efeitos significativos de risco ou profissão ou interação significativa profissão x risco significativa em nenhuma das dimensões da SSS-V, maior  $F(8, 124) = 1.95$ , *ns*. Isto é, os traços de procura de sensações não são influenciados pela profissão dos participantes, independentemente do tipo de grupo de risco a que pertençam.

Nas próximas análises, dada a natureza das variáveis analisadas foi necessário excluir das análises o grupo dos não desportistas, uma vez que apenas os praticantes de atividade desportiva podiam responder a essas variáveis.

#### ***Análises de diferenças de médias nas dimensões da SSS-V, em função do grau de risco e do tempo de prática da atividade***

Neste caso o efeito de risco foi significativo apenas para a dimensão TAS,  $F(1,86) = 5.46$ ,  $p = .022$ ,  $\eta^2 = .06$  ( $M = 7.86$ ,  $DP = 1.86$ ;  $M = 6.89$ ,  $DP = 2.46$ , para alto risco e pouco risco, respetivamente, ou seja, os praticantes de alto risco procuram



significativamente mais emoção e aventura do que os praticantes de pouco risco) e na dimensão SSS Total,  $F(1,86) = 5.00$ ,  $p = .028$ ,  $\eta^2 = .055$  ( $M = 23.62$ ,  $DP = 3.86$ ;  $M = 20.84$ ,  $DP = 6.58$ , para alto risco e pouco risco, respetivamente, ou seja, os praticantes de alto risco procuram significativamente mais sensações, do que os praticantes de pouco risco).

Não existiu nenhum efeito significativo de tempo de prática da atividade ou interação significativa tempo de prática da atividade x risco significativa em nenhuma das dimensões da SSS-V, maior  $F(3, 86) = 1.41$ ,  $ns$ . Isto é, os traços de procura de sensações não foram influenciados pelo tempo que o participante praticou a atividade, independentemente do tipo de grupo de risco a que pertencesse. Este resultado está de acordo com o encontrado por Guszowska e Bołdak (2010), que não diferenciou o nível de procura de sensação entre os paraquedistas investigados. No entanto, o caso do paraquedismo, o tempo de prática de atividade não pode ser entendido como resultado direto do número de saltos que o praticante dá, pois existem aqueles que até por questões económicas não dão tantos saltos como gostariam.

#### ***Análise de diferenças de médias nas dimensões da SSS-V, em função do grau de risco e motivo para a prática desportiva***

Tal como na análise anterior, o efeito de risco foi significativo apenas para uma dimensão, a DIS,  $F(1,79) = 5.10$ ,  $p = .027$ ,  $\eta^2 = .061$  ( $M = 5.23$ ,  $DP = 1.52$ ;  $M = 4.61$ ,  $DP = 2.19$ , para alto risco e pouco risco, respetivamente, ou seja, os praticantes de alto risco são significativamente mais desinibidos, do que os praticantes de pouco risco) e para a dimensão SSS Total,  $F(1,79) = 7.01$ ,  $p = .01$ ,  $\eta^2 = .081$  ( $M = 23.56$ ,  $DP = 3.91$ ;  $M = 20.54$ ,  $DP = 6.38$ , para alto risco e pouco risco, respetivamente, ou seja, os praticantes de alto risco procuram significativamente mais sensações, do que os praticantes de baixo risco). As atividade de alto risco parecem fornecer aos seus praticantes um contexto favorável e reforçador. Encontramos resultados semelhantes aos de Celsi e colaboradores (1993, p.21), que acrescentam que estas atividade “favorecem o desempenho num palco cuidadosamente delimitado para combinar as suas habilidades e motivações.” Existiu ainda um efeito significativo de motivo na dimensão DIS,  $F(5,79) = 2.30$ ,  $p = .053$ ,  $\eta^2 = .127$  ( $M = 5.43$ ,  $DP = 1.81$ ;  $M = 4.50$ ,  $DP = 1.51$ ;  $M = 4.00$ ,  $DP = 1.41$ ;  $M = 4.27$ ,  $DP = 1.74$ ;  $M = 4.90$ ,  $DP = 2.38$ ;  $M = 3.67$ ,  $DP = 1.63$ , para adrenalina, liberdade, convívio, desporto, natureza e outro, respetivamente). Os praticantes cujo motivo para a prática desportiva foi a adrenalina, a liberdade o desporto e a natureza são igualmente desinibidos. No entanto, os que

apresentaram como motivo a adrenalina e a natureza são significativamente mais desinibidos, do que os que apresentaram como motivo o convívio ou outro motivo.

### ***Análises de diferenças de médias nas dimensões da SSS-V, em função do grau de risco e da avaliação do gosto e interesse na atividade***

Existiu apenas um efeito significativo da avaliação do gosto e interesse na dimensão DIS,  $F(2,90) = 3.10$ ,  $p = .05$ ,  $\eta^2 = .064$  ( $M = 3.25$ ,  $DP = 1.26$ ;  $M = 4.15$ ,  $DP = 1.63$ ;  $M = 5.32$ ,  $DP = 1.92$ , para interesse, considerável interesse e muito Interesse, respetivamente). Isto é, os praticantes que revelaram considerável interesse e muito interesse na prática da atividade são igualmente desinibidos, sendo os participantes que demonstraram muito interesse na atividade significativamente mais desinibidos do que os que revelaram apenas interesse.

Não existiu nenhum efeito de risco ou interação avaliação do gosto e interesse x risco significativa em nenhuma das dimensões da SSS-V, maior  $F(1, 90) = 2.90$ , *ns*. Isto é, os traços de procura de sensações não foram influenciados pelo grupo de risco dos participantes, independentemente do tipo de avaliação do gosto e interesse da atividade que tenham feito.

Resumindo, do conjunto das oito variáveis sociodemográficas em análise, o efeito de risco apenas não se verificou para a profissão e para a avaliação do gosto e interesse da atividade. Nas restantes variáveis constatámos a existência deste efeito, tendo este assumido o mesmo padrão em todos os casos. Nas dimensões procura de emoções e aventura (TAS) e procura de sensações (SSS Total) os participantes dos grupo de alto risco pontuaram mais alto, do que os participantes dos grupos de pouco risco ou não desportistas, tendo estes últimos pontuado de forma similar. Na dimensão procura de experiências (ES), os participantes do grupo de alto risco e pouco risco pontuaram igualmente entre si e mais alto do que os participantes do grupo não desportistas. Na dimensão Desinibição (DIS), os participantes do grupo de alto risco pontuaram mais alto do que os participantes do grupo de pouco risco.

Estes resultados são concordantes com os de estudos anteriores (Zuckerman, 1994), uma vez que a prática de atividades de risco parece contribuir para o aumento de intensidade dos traços característicos da procura de sensações. Como refere Zuckerman (2007, p.88) “seria de esperar que a subescala TAS do SSS-V mostrasse as diferenças entre os participantes em desportos de alto risco e pouco risco, simplesmente pelos itens manifestados e interesse nesses desportos”. No entanto, a maioria dos estudos de

Zuckerman (1983b in Zuckerman, 2007) também mostraram diferenças na ES, bem como na TAS. A maioria mostrou diferenças sobre na SSS-V Total. Poucos desses estudos mostraram diferenças nas subescalas DIS e BS (Zuckerman, 2007).

Tal como em estudos anteriores (Zuckerman, 1994), também verificamos a existência de alguns efeitos das variáveis sociodemográficas em análise, nomeadamente o efeito das variáveis sexo, estado civil, motivo para a prática desportiva e avaliação do gosto e interesse na prática desportiva, tal como propusemos na Hipótese 2. Assim sendo, o conjunto dos resultados obtidos suportam parcialmente a nossa Hipótese 2, uma vez que existem diferenças significativas de valores em procura de sensações nos praticantes de desportos, mas apenas para algumas da variáveis em análise.

Para testarmos a Hipótese 3, fizemos análises de correlação (Quadro 15) entre a subescala extroversão da EPQ-R-S e as subescalas e escala global da SSS-V. Primeiro excluímos da amostra o grupo dos não desportistas (utilizando um critério lato na constituição do grupo dos praticantes) e depois excluímos da amostra quer o grupo dos não desportistas, quer o grupo dos praticantes de pouco risco (utilizando um critério estrito na constituição do grupo dos praticantes). Não consideramos pertinente analisar as correlações internas para cada instrumento pois na nossa hipótese centramo-nos na correlação entre instrumentos. Assim, verificamos que a subescala psicoticismo da EPQ-R-S, se correlaciona de forma positiva baixa, mas significativa com as subescalas TAS e de forma positiva moderada e significativa com as subescalas DIS e BS e escala global do SSS-V. A subescala sinceridade da EPQ-R-S correlaciona-se de forma positiva baixa, mas significativa com todas as subescalas da SSS-V, exceto com a subescala BS, e de forma negativa baixa mas significativa com a escala global do SSS-V. As subescalas extroversão e neuroticismo não se correlacionam de forma significativa com nenhuma das subescalas da SSS-V, nem com a escala global da SSS-V. Não foi encontrado suporte que sustentasse a nossa hipótese, tendo esta sido infirmada, uma vez que, ao contrário do que prevíamos, não foram encontradas quaisquer correlações significativas entre a subescala extroversão da EPQ-R-S e as subescalas ou escala global do SSS-V, nem utilizando o critério lato na constituição do grupo dos praticantes (alto risco/pouco risco), nem utilizando o critério restrito para a constituição do grupo dos praticantes (apenas os de alto risco). Freixanet (1991) ao investigar alguns traços de personalidade e a participação em desportos de alto risco encontrou correlações positivas entre as subescalas de SSS e SSS global e a dimensão

de extroversão. No entanto, no seu estudo utilizou o “Eysenck Personality Questionnaire – EPQ” (Eysenck & Eysenck, 1975), versão anterior à utilizada neste estudo “Eysenck Personality Questionnaire – EPQ-R-S” (Eysenck & Eysenck, 1991;1996), versão revista em 1985 reduzindo de 100 para os atuais 48 itens. Uma possível explicação poderá ser que a extroversão pode estar mais relacionada com a tendência individual de procura de sensações (alta ou baixa) do que a sua participação em desportos arriscados. Os dados acumulados na investigação parecem evidenciar que a procura de sensações não é sinónimo de tomada de risco (Jack & Ronan, 1998). Além disso, a tendência para procurar sensações pode ser mediada por outros fatores, que incluem habilidade e conhecimento para lidar com o risco em determinado desporto específico. Poderá também significar que os indivíduos que tem valores altos de procura de sensações e extroversão seriam mais propensão a assumir riscos, que por sua vez pode resultar em consequências negativas (e.g., ferimentos). Uma outra possível explicação poderá ser metodológica. O nosso grupo de controlo era constituído por um considerável número de militares, não desportistas, mas que pelo fato de se encontrarem a exercer aquela actividade, e pela faixa etária similar à dos grupos experimentais, poderão ter enviesado os resultados quanto aos traços de personalidade esperados por um outro tipo de grupo de controlo.

Quadro 15. Distribuição das **correlações** entre as **dimensões** estudadas

Correlações		P	E	N	L	TAS	ES	DIS	BS
Extroversão E)	R	-,009							
	Sig.	,913							
Neuroticismo (N)	R	,071	-,105						
	Sig.	,387	,201						
Sinceridade (L)	R	-,021	,117	-,304**					
	Sig.	,796	,154	,000					
TAS	R	,236**	,062	-,024	-,237**				
	Sig.	,004	,453	,767	,004				
ES	R	,263**	,057	,017	-,243**	,448**			
	Sig.	,001	,491	,837	,003	,000			
DIS	R	,471**	,135	,042	-,203*	,401**	,450**		
	Sig.	,000	,100	,607	,013	,000	,000		
BS	R	,431**	,091	,033	-,019	,198*	,287**	,479**	
	Sig.	,000	,268	,686	,816	,015	,000	,000	
SSS Total	R	,465**	,115	,019	-,251**	,755**	,747**	,782**	,625**
	Sig.	,000	,161	,819	,002	,000	,000	,000	,000

\*p ≤ 0.050 \*\*p ≤ 0.010

Terminada a apresentação e interpretação dos resultados, apresentaremos em seguida algumas conclusões decorrentes do trabalho realizado.

#### 4. CONCLUSÕES

Os traços de personalidade extroversão e procura de sensações têm sido alvo de inúmeros estudos que concluem que estes estão fortemente correlacionados. A extroversão é definida como sendo composta por factores como a sociabilidade, emoções positivas, vivacidade, actividade, assertividade, procura de sensações, despreocupação, domínio e tendência para a aventura (Eysenck, 1990). A procura de sensações é referida por Zuckerman (1994, p.27) como um *“traço de personalidade definido pela procura de sensações e experiências novas, variadas, complexas e intensas e pela vontade de assumir riscos físicos, sociais, legais e financeiros para poder ter essa experiência”*. Eysenck e Zuckerman (1978) referem estes traços de personalidade extroversão e procura de sensações como intimamente relacionados, estando ambos presentes em indivíduos que optam por profissões e desportos de risco.

Com o presente estudo, apesar da amostra ser não representativa e os dados terem algumas limitações (nomeadamente os alfa de Cronbach menores do que os dos estudos originais), pensamos ter conseguido atingir os objetivos propostos, isto é, conhecer a prevalência dos traços de personalidade (procura de sensações, extroversão, neuroticismo e psicoticismo) numa amostra de 150 portugueses consumidores de desportos de alto risco, pouco risco e não desportistas; examinamos a relação entre a prática destes desportos e os traços de personalidade dos seus consumidores e como se associam entre si esses traços e como variam em função da idade, profissão, escolaridade, tempo de prática de atividade, gosto/interesse pela atividade e motivação.

No que diz respeito às hipóteses formuladas para este estudo, verificamos que:

- Hipótese 1 (existe um perfil de personalidade específico e homogéneo quer nos praticantes dos desportos de alto risco, quer nos de pouco risco, traduzido por maior ou menor prevalência de certos traços) – da conjugação dos resultados podemos concluir que, embora exista uma considerável sobreposição nos padrões de características encontrados para os grupos de alto risco, pouco risco e não desportistas, existem, ainda assim, algumas características diferenciadoras entre os três grupos. Verifica-se uma maior prevalência da dimensão neuroticismo nos participantes que não praticam nenhuma atividade desportiva, maior procura de experiências e de sensações nos praticantes de atividade desportiva de alto risco, e maior procura de emoções e aventura nos praticantes de atividades desportivas de alto risco, quando comparados com os participantes que não praticam nenhuma atividade desportiva. Estes resultados dão algum suporte à nossa hipótese, na medida em que verificamos que determinados traços de personalidade variam conforme o tipo de atividade desportiva envolvida, mas não foi encontrado um perfil específico e homogéneo nos

praticantes de alto risco, pouco risco ou não desportistas, resultado coincidente no estudo de Guszowska e Bołdak (2010).

- Hipótese 2 (existem diferenças significativas de valores em procura de sensações nos praticantes destes desportos conforme sexo, habilitações literárias, profissão, tempo de prática de atividade, gosto/interesse pela atividade e motivação) - do conjunto da análise das oito variáveis sociodemográficas, o efeito de risco apenas não se verificou para a profissão e para a avaliação do gosto e interesse da atividade. Nas restantes variáveis contactámos a existência deste efeito, tendo este assumido o mesmo padrão em todos os casos. Tal como encontrado por Zuckerman (1994), verificamos a existência de alguns efeitos das variáveis sociodemográficas em análise, nomeadamente o efeito das variáveis sexo, estado civil, motivo para a prática desportiva e avaliação do gosto e interesse na prática desportiva, tal como propusemos na hipótese. Assim, os resultados obtidos suportam parcialmente a nossa segunda hipótese, uma vez que existem diferenças significativas de valores em procura de sensações nos praticantes de desportos, mas apenas para algumas das variáveis em análise.

- Hipótese 3 (os praticantes com valores mais elevados em procura de sensações apresentam um traço de personalidade de extroversão) - não foi encontrado suporte que sustentasse a nossa hipótese, tendo esta sido infirmada, uma vez que, ao contrário do que prevíamos, não foram encontradas quaisquer correlações significativas entre a subescala extroversão da EPQ-R-S e as subescalas ou escala global do SSS-V. Uma possível explicação poderá ser que a extroversão pode estar mais relacionada com a tendência individual de procura de sensações (alta ou baixa) do que a sua participação em desportos arriscados. Os dados acumulados na investigação parecem evidenciar que a procura de sensações não é sinónimo de tomada de risco (Jack & Ronan, 1998). Além disso, a tendência para procurar sensações pode ser mediada por outros fatores, que incluem habilidade e conhecimento para lidar com o risco em determinado desporto específico. Poderá significar que os indivíduos que tem valores altos de procura de sensações e extroversão seriam mais propensão a assumir riscos, que por sua vez pode resultar em consequências negativas (e.g., ferimentos). Uma outra possível explicação poderá ser metodológica. O nosso grupo de controlo era constituído por um considerável número de militares, não desportistas, mas que pelo fato de se encontrarem a exercer aquela atividade, e pelas características idade/sexo similares à dos grupos experimentais, poderão ter enviesado os resultados quanto aos traços de personalidade esperados por um outro tipo de grupo de controlo.

Finalizamos, sugerindo para o futuro a utilização de uma amostra maior, pois apesar de termos conseguido uma amostra diversificada por conveniência, esta não é

representativa, sendo que os resultados obtidos não poderão ser generalizados para uma população mais ampla. Seria igualmente interessante estudar outros traços de personalidade destes praticantes do grupo de alto risco e apurar a sua relação com a experiência e o tipo de atividade desportiva. Apesar destas limitações, o estudo permitiu-nos retirar algumas conclusões interessantes relativamente à presença dos traços de extroversão e procura de sensações nos praticantes dos desportos de alto risco, quer nos de pouco risco e não desportistas, bem como verificar as diferenças existentes mediante a variável risco.

## 5. REFERÊNCIAS

- Allport, G. (1931). What is a trait of personality? *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 25, 368-372.
- Allport, G. (1973). *Personalidade: Padrões de desenvolvimento*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Aluja, A., Garcíab, O., & Garcíac, L. (2002). Relationships among extraversion, openness to experience, and sensation seeking. *Personality and Individual Differences*, 35, 671-680.
- Aluja, A., & Torrubia, R. (2004). Hostility-Aggressiveness, Sensation Seeking, and Sex Hormones in Men: Re-Exploring Their Relationship. *Neuropsychobiology*, 50 (1), 102-107.
- Arnett, J. (1996). Sensation seeking, aggressiveness, and Adolescent reckless behaviour. *Personality and Individual Differences*, 20 (6), 693-702.
- Azevedo, A. (1994). *Actividades Desportivas em Ambiente de Natureza e Aventura. Estudo Exploratório acerca das motivações para a participação nestas actividades*. Monografia de Licenciatura, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Barrick, M. R. & Mount, M. K. (1991). The Big Five personality dimensions and job performance: A meta-analysis. *Personnel Psychology*, 44, 1-26.
- Baum, W. (2005). *Understanding behaviorism: Behavior, culture and evolution* (2th ed.). Oxford: Blackwell Publishing.
- Bjornstig, U., & Westman, A. (2005). Fatalities in Swedish skydiving. *Accident Analysis and Prevention*, 37, 1040-1048.
- Blagrove, M., & Akehurst, L. (2000). Personality and the modulation of effects of sleep loss on mood and cognition. *Personality and Individual Differences*, 30, 819-828.
- Bradley, R., & Redfering, D. (1978). Drug abuses in the military: Correlates of successful rehabilitation. *Journal of clinical psychology*, 34 (1), 233-237.
- Bratko, D., & Butkovic, A. (2002). Family study of sensation seeking. *Personality and Individual Differences*, 35, 1559-1570.
- Breivik, G. (2010). Trends in adventure sports in a post-modern society. *Sport in Society*, 13 (2), 260-273.
- Burger, J. (2007). *Personality* (7th ed.). Belmont, USA: Thomson Higher Education.
- Burnik, S., Snežana, J. & Kajtna, T. (2008). Sensation Seeking In Slovenian Female and Male Mountain Climbers. *Acta Univ. Palacki. Olomuc., Gymn.* 38 (3), 15.
- Cattell, R. B. (1979). *Personality and learning theory, vol. 1, the structure of personality in its environment*. New York: Springer Publishing Company.
- Cattell, R. B. (1990). Advances in Cattellian personality theory. In L. Pervin (Ed.), *Handbook of personality* (pp. 101-110). New York: The Guilford Press.
- Cazenave, N., Scanff, C., & Woodman, T. (2007). Psychological profiles and emotional regulation characteristics of women engaged in risk-taking sports. *Anxiety, Stress, & Copin*, 20 (4), 421-435.
- Celsi, R. L., Rose, R. L., & Leigh, T. W. (1993). An Exploration of High-Risk Leisure Consumption through Skydiving. *Journal Of Consumer Research*, 20 (1), 1-23.



- Costa, A. (2008). *Traços de personalidade em técnicos de redução de riscos: um estudo exploratório sobre empatia e sobre procura de sensações*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Porto: FPCEUP.
- Deditius-Island H., & Caruso, J.C. (2002). An examination of the reliability of scores from Zuckerman's sensation seeking scales, Form V. *Educational and psychological measurement*, 62 (4), 728-734.
- Dewaele, J., & Furnham, A. (2000). Personality and speech production: a pilot study of second language learners. *Personality and Individual Differences*, 28, 355-365.
- Digman, J. M. (1990). Personality structure: emergence of the five-factor model. *Annual Review of Psychology*, 41, 417-440.
- Eysenck, H. (1953). *The structure of human personality*. London: Methuen.
- Eysenck, H. (1990). Biological dimensions of personality. In L. Pervin (Ed.), *Handbook of personality – theory and research* (pp. 244-276). New York: Guilford Press.
- Eysenck, M. (1994). *Individual Differences: Normal and Abnormal*. Hove: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Eysenck, S., & Zuckerman, M. (1978). The relationship between sensation seeking and Eysenck's dimensions of personality. *Br. J. Psychol.*, 69, 483-487.
- Ferrando, P. (2003). The accuracy of the E, N and P trait estimates: an empirical study using the EPQ-R. *Personality and Individual Differences*, 34, 665-679.
- Fletcher, R. (2008). Living on the Edge: The Appeal of Risk Sports for the Professional Middle Class. *Sociology of Sport Journal*, 25, 310-330.
- Formiga, N. (2010). Traços de personalidade e variações da diversão: testagem de modelo causal em jovens brasileiros. Recuperado em 20 de Junho, 2012, de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0289.pdf>
- Francis, L. J., Lewis, C., & Ziebertz, H. (2006). The Short-Form Revised Eysenck Personality Questionnaire (EPQR-S): A German Edition. *Social Behavior & Personality: An International Journal*, 34 (2), 197-203.
- Freixanet, M. (1991). Personality profile of subjects engaged in high physical risk sports. *Personality Individual Differences*, 12 (10), 1087-1093.
- Glicksohn, J. & Abulafia, J. (1997). Embedding sensation seeking within the big three. *Personality and Individual Differences*, 25, 1085-1099.
- Glicksohn, J., & Bozna, M. (2000). Developing a personality profile of the bomb-disposal expert: the role of sensation seeking and field dependence-independence. *Personality and Individual Differences*, 28, 85-92.
- Glicksohn, J., & Golan, H. (2001). Personality, cognitive style and assortative mating. *Personality and Individual Differences*, 30, 1199-1209.
- Goldberg, L. R. (1990). An alternative “description of personality”: the big-five factor structure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 1216-1229.
- Griffith, J., & Hart, C. (2005). Collegiate Skydivers: Do They Fear Death? *Journal of Worry and Affective Experience*, 1 (2), 71-76.
- Guszkowska, M. M., & Bóldak, A. A. (2010). Sensation seeking in males involved in recreational high risk sports. *Biology Of Sport*, 27 (3), 157-162.
- Harris, C. R., Jenkins, M., & Glaser, D. (2006). Gender differences in risk assessment: Why do women take fewer risks than men? *Judgment and Decision Making*, 1 (1), 48-63.
- Haynes, C., Miles, J., & Clements, K. (2000). A confirmatory factor analysis of two models of sensation seeking. *Personality and Individual Differences*, 29, 823-839.
- Hymbaugh, K. & Garrett, J. (1974). Sensation seeking among skydivers. *Perceptual and motor skills*, 38, 118.
- Irigaray, T., & Schneider, R. (2009). Dimensões de Personalidade, Qualidade de Vida e Depressão em Idosas. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 14 (4), 759-766.
- Jack, S., & Ronan, K. (1998). Sensation seeking among high and low risk sports participants. *Personality and Individual Differences*, 25, 1063-1083.
- Jackson, J., & Maraun, M. (1996). The conceptual validity of empirical scale construction: the case of the sensation seeking scale. *Personality and Individual Differences*, 21 (1), 103-110.
- Kajtna, T., Tuscaronak, M., Baricacute, R., & Burnik, S. (2004). Personality in High-Risk Sports Athletes. *Kinesiology*, 36 (1), 24-34.

- Knust, S., & Stewart, A. (2002). Risk-Taking Behaviour and Criminal Offending: An Investigation of Sensation Seeking and the Eysenck Personality Questionnaire. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 46, 5.
- Langseth, T. (2011). Risk sports – social constraints and cultural imperatives. *Sport in Society*, 14 (5), 629-644.
- Linton, D., & Weiner, N. (2001). Personality and potential conceptions: mating success in a modern Western male sample. *Personality and Individual Differences*, 25, 1063-1083.
- Loevinger, J. (1987). *Paradigms of personality*. New York: W.H. Freeman and Company.
- Loevinger, J., Lawrence, C., Bonneville, L., Redmore, C., Streich, D., & Sargent, M. (1985). Ego Development in College. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48 (4), 947-962.
- Lucas, R., Diener, E., Grob, A., Such, E. & Shao, L. (2000). Cross-cultural evidence for the fundamental feature of extraversion: The case against sociability. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 452-468.
- Lyng, S. (1990). Edgework: A Social Psychological Analysis of Voluntary Risk Taking. *American Journal Of Sociology*, 95 (4), 851-886.
- Martinho, R. (1997). *Motivação para a prática de actividades desportivas de aventura na natureza*. Dissertação de Mestrado. Porto: FADEUP.
- Martins, R. (2007). *Motivos para a prática de actividades físicas de aventura na natureza*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FADEUP.
- McCrae, R. (2004). Human nature and culture: A trait perspective. *Journal of Research in Personality*, 38 (1), 3-14.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1997). Personality trait structure as human universal. *American Psychologist*, 52, 509-516.
- Mendes, M. (2005). *Emoções no contexto de policiamento: medo, exaustão emocional e procura de sensações, um estudo comparativo na PSP do Porto*. Dissertação de Mestrado em Criminologia. Porto: FDUP.
- Moreira, M. (2008). *Traços de personalidade em estudantes do ensino superior: a relação entre procura de sensações de Zuckerman e as dimensões da personalidade de Eysenck*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Porto: FPCEUP.
- Oliveira, J. (2008). *Traços de personalidade de elementos de força de segurança: um estudo comparativo na P.S.P. de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia. Porto: FPCEUP.
- Oliveira, M. (2008). *Burnout e emoções: Estudo exploratório em médicos de um Hospital do Porto*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde. Porto: FPCEUP.
- Olver, J., & Mooradian, T. (2003). Personality traits and personal values: a conceptual and empirical integration. *Personality and Individual Differences*, 35 (1), 109-125.
- Price, I., & Bundesen, C. (2005). Emotional changes in skydivers in relation to experience. *Personality and Individual Differences*, 38, 1203-1211.
- Queirós, C. (1997). *Emoções e comportamento desviante, um estudo na perspectiva da personalidade como sistema auto-organizador*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Porto: FPCEUP.
- Ronan, K., & Jack, S. (1998). Sensation seeking among high-and low-risk sports participants. *Personality and Individual Differences*, 25, 1063-1083.
- Santos, S. (2010). *Extroversão e Procura de Sensações em estudantes das diferentes áreas do curso de Psicologia*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia. Porto: FPCEUP.
- Shapiro, D., & Tagiuri, R. (1957). Some effects of response context on trait inferences. *Harvard University Manuscript*, 8, 42-50.
- Shoam, A., Rose, G., & Kahle, L. (2000). Practitioners of Risky Sports: A Quantitative Examination. *Journal of Business Research*, 47, 237-251.
- Singer, H. (1917). Suggestions for a scheme of graphic Representation of personality and psychosis. *Journal of Abnormal Psychology*, 12 (2), 114-129.
- Singer, J., & Singer, D. (1972). Personality. *Annual Review of Psychology*, 23, 185-422.
- Singer, J. (1984). *The human Personality*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich Publishers.
- Strelau, J., & Eysenck, H. (1987). *Personality dimensions and arousal*. New York: Plenum Press.
- Tous, J. M. (1986). *Psicologia de la personalidad*. Barcelona: Promociones Publicaciones Universitarias.

- Turchik, J., Garske, J., Probst, D., & Irvin, C. (2010). Personality, sexuality, and substance use as predictors of sexual Risk taking in college students. *Journal of sex research*, 47 (5), 411–419.
- Zuckerman, M. (1994). *Behavioral expressions and biosocial basis of sensation seeking*. New York: Cambridge University Press.
- Zuckerman, M. (1996). “Conceptual clarification” or confusion in “the Study of sensation seeking”. *Personality and Individual Differences*, 21 (1), 111-114.
- Zuckerman, M. (2007). *Sensation seeking and risky behavior*. Washington, DC: American Psychological Association.

## 6. ANEXO: APRESENTAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

### QUESTIONÁRIO

Este questionário<sup>4</sup> é realizado no âmbito de um projeto do Mestrado Integrado em Psicologia, a decorrer na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins académicos e científicos (dissertação de mestrado), sendo realçado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual.

O questionário é anónimo, não devendo por isso colocar a sua identificação em nenhuma das folhas nem assinar o questionário.

Não existem respostas certas ou erradas. Por isso lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões. Na maioria das questões terá apenas de assinalar **com uma cruz** a sua opção de resposta.

Obrigado pela sua colaboração.

#### Grupo I

1. Idade: \_\_\_\_\_

2. Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

3. Habilitações literárias:

<input type="checkbox"/>	Até ao 9.º Ano
<input type="checkbox"/>	Até ao 12.º Ano
<input type="checkbox"/>	Frequência Universitária
<input type="checkbox"/>	Licenciatura
<input type="checkbox"/>	Mestrado ou Pós-graduação
<input type="checkbox"/>	Outro. Qual? _____

4. Estado Civil:

<input type="checkbox"/>	Solteiro
<input type="checkbox"/>	Casado ou a viver em união de facto
<input type="checkbox"/>	Divorciado, separado ou viúvo

5. Profissão que exerce atualmente? \_\_\_\_\_

6. Actividade ou modalidade que pratica? \_\_\_\_\_

(e.g., Canoagem, Piloto de Ultraleves, Paraquedismo, ...)

7. Há quanto tempo pratica esta actividade ou modalidade? \_\_\_\_\_

8. O que o motiva ou mais aprecia para ser praticante desta actividade ou modalidade? \_\_\_\_\_

9. Como avalia o seu gosto/interesse/vontade para ser praticante desta actividade ou modalidade?

Pouco				Muito
1	2	3	4	5

#### Grupo II<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Versão para investigação elaborada por Ariel Sousa & Cristina Queirós – F.P.C.E.U.P. (2011).

Cada uma das questões apresentadas contém duas opções de resposta: A e B. Indique qual das opções descreve melhor os seus gostos ou o modo como se sente, assinalando **com uma cruz** a sua resposta na letra A ou na letra B.

1. 

A
B

 Gosto de festas desinibidas e loucas.  

B
---

 Prefiro festas sossegadas e onde se pode ter uma boa conversa.
  
2. 

A
B

 Há alguns filmes que gosto de ver mais do que uma vez.  

B
---

 Não tenho paciência para ver um filme que já tenha visto antes.
  
3. 

A
B

 Penso com frequência que gostaria de ser um alpinista.  

B
---

 Não consigo compreender as pessoas que arriscam as suas vidas a escalar montanhas.
  
4. 

A
B

 Não gosto de nenhum cheiro corporal.  

B
---

 Gosto de alguns cheiros do corpo humano.
  
5. 

A
B

 Aborreço-me de ver sempre as mesmas caras.  

B
---

 Gosto da familiaridade confortável dos amigos de todos os dias.
  
6. 

A
B

 Gosto de explorar sozinho uma cidade desconhecida ou uma zona de uma cidade, ainda que me possa perder.  

B
---

 Prefiro a ajuda de um guia quando estou num local que não conheço bem.
  
7. 

A
B

 Não gosto das pessoas que fazem ou dizem coisas só para chocar ou incomodar os outros.  

B
---

 Quando se consegue prever quase tudo o que alguém fará ou dirá, essa pessoa deve ser aborrecida.
  
8. 

A
B

 Normalmente não gosto de um filme em que possa prever o que se irá passar.  

B
---

 Não me importo de ver um filme em que possa prever o que vai acontecer.
  
9. 

A
B

 Já experimentei drogas ilícitas ou gostaria de o fazer.  

B
---

 Nunca seria capaz de experimentar drogas ilícitas.
  
10. 

A
B

 Não gostaria de experimentar qualquer substância que possa produzir em mim efeitos estranhos ou perigosos.  

B
---

 Gostaria de experimentar algumas das substâncias que produzem alucinações.
  
11. 

A
B

 Uma pessoa sensata evita actividades perigosas.  

B
---

 Por vezes gosto de fazer coisas um pouco arriscadas.
  
12. 

A
B

 Não gosto da companhia de pessoas desinibidas e livres quanto ao sexo.  

B
---

 Gosto da companhia de pessoas desinibidas e livres quanto ao sexo.
  
13. 

A
B

 As substâncias estimulantes incomodam-me.  

B
---

 Gosto de ficar “pedrado” de vez em quando, bebendo álcool ou consumindo drogas.
  
14. 

A
B

 Gosto de experimentar comidas que nunca provei.  

B
---

 Peço pratos com os quais estou familiarizado, de modo a evitar decepções ou desilusões.
  
15. 

A
B

 Gosto de ver vídeos caseiros ou slides de viagens.  

B
---

 Ver vídeos caseiros ou slides de viagens de alguém aborrece-me muito.
  
16. 

A
B

 Gostaria de praticar esqui aquático.  

B
---

 Não gostaria de praticar esqui aquático.
  
17. 

A
B

 Gostaria de experimentar fazer surf.  

B
---

 Não gostaria de experimentar fazer surf.

---

<sup>5</sup> Traduzido e adaptado de Zuckerman (1994) por Oliveira (2008).

18. 

A
B

 Gostaria de fazer uma viagem sem planos pré-definidos ou horários.  

B
---

 Quando viajo gosto de planejar os locais e horários cuidadosamente.
19. 

A
B

 Prefiro ter como amigos pessoas do tipo “terra a terra”  

B
---

 Gostaria de fazer amigos em grupos invulgares como artistas, punks ou hippies.
20. 

A
B

 Não gostaria de aprender a pilotar um avião.  

B
---

 Gostaria de aprender a pilotar um avião.
21. 

A
B

 Prefiro a superfície da água às suas profundezas.  

B
---

 Gostaria de fazer mergulho sub-aquático.
22. 

A
B

 Gostaria de conhecer pessoas que são homossexuais (homens ou mulheres).  

B
---

 Afasto-me de qualquer pessoa que suspeite ser homossexual.
23. 

A
B

 Gostaria de experimentar saltar de pára-quedas.  

B
---

 Nunca gostaria de experimentar saltar de um avião, com ou sem pára-quedas.
24. 

A
B

 Prefiro amigos que sejam excitantemente imprevisíveis.  

B
---

 Prefiro amigos fiáveis e previsíveis.
25. 

A
B

 Não estou interessado em fazer experiências só para experimentar.  

B
---

 Gosto de experiências e sensações novas e excitantes, mesmo que sejam um pouco assustadoras, pouco convencionais ou ilegais.
26. 

A
B

 A essência de uma obra de arte está na sua clareza, simetria de formas e harmonia das cores.  

B
---

 Encontro frequentemente a beleza nas cores chocantes e formas irregulares das pinturas modernas.
27. 

A
B

 Gosto de passar algum tempo nas proximidades de minha casa.  

B
---

 Fico irritado se tenho de me limitar a passear nas proximidades de casa.
28. 

A
B

 Gosto de mergulhar da prancha mais alta.  

B
---

 Não gosto da sensação de estar na prancha mais alta, nem me aproximo dela.
29. 

A
B

 Gosto de sair com pessoas que sejam fisicamente excitantes.  

B
---

 Gosto de sair com pessoas que partilhem os meus valores.
30. 

A
B

 Beber muito normalmente estraga uma festa porque algumas pessoas tornam-se ruidosas e violentas.  

B
---

 Manter os copos cheios é a razão do sucesso de uma festa.
31. 

A
B

 O pior defeito social é ser rude.  

B
---

 O pior defeito social é ser aborrecido.
32. 

A
B

 As pessoas deveriam ter alguma experiência sexual antes do casamento.  

B
---

 É preferível um casal começar a sua experiência sexual após o casamento.
33. 

A
B

 Mesmo que tivesse dinheiro, não me preocuparia em me associar a pessoas ricas e famosas do jet-set.  

B
---

 Consigo imaginar-me numa vida de prazer pelo mundo fora com pessoas ricas e famosas do jet-set.
34. 

A
B

 Gosto de pessoas brincalhonas e espirituosas, mesmo que por vezes insultem os outros.  

B
---

 Não gosto de pessoas que se divertem na expectativa de ferir os sentimentos dos outros.
35. 

A
B

 Existem demasiadas cenas de sexo nos filmes.  

B
---

 Gosto de ver muitas das cenas de sexo nos filmes.
36. 

A
B

 Sinto-me melhor depois de beber uns copos.  

B
---

 Algo está mal nas pessoas que precisam de álcool para se sentirem bem.

37. 

A
B

 As pessoas deviam vestir-se de acordo com padrões de bom gosto, estilo e perfeição.  

B
---

 As pessoas devem vestir-se de acordo com o seu próprio gosto, mesmo que o resultado seja por vezes estranho.
38. 

A
B

 Fazer longas viagens em barcos pequenos é imprudente.  

B
---

 Gostaria de fazer uma longa viagem num barco pequeno desde que ele navegasse bem.
39. 

A
B

 Não tenho paciência para pessoas estúpidas ou aborrecidas.  

B
---

 Encontro algo interessante em quase todas as pessoas com quem converso.
40. 

A
B

 Esquiar numa montanha com um grande declive é uma boa maneira de acabar de muletas.  

B
---

 Gostaria de experimentar a sensação de esquiar muito depressa numa montanha com um grande declive.

### Grupo III<sup>6</sup>

Indique se:

	Sim	Não
1. É uma pessoa que muda muitas vezes de humor ou disposição		
2. Dá muita importância ao que as outras pessoas pensam		
3. Considera-se uma pessoa faladora		
4. Se afirma que fará uma determinada coisa, mantém sempre a promessa, mesmo que isso venha a ser desfavorável para si		
5. Já alguma vez se sentiu um “desgraçado ou infeliz” sem ter motivos para isso		
6. Preocupa-se com a possibilidade de vir a ter dívidas		
7. É uma pessoa bastante animada		
8. Alguma vez foi ganancioso de modo a ficar com mais do que aquilo que lhe pertencia		
9. Considera-se uma pessoa irritável		
10. Tomaria drogas que pudessem ter um efeito estranho ou perigoso		
11. Gosta de conhecer novas pessoas		
12. Alguma vez atribuiu as culpas a alguém, mesmo sabendo que a culpa era sua		
13. Sente os seus sentimentos feridos com facilidade		
14. Prefere fazer as coisas à sua maneira em vez de se deixar guiar pelas regras		
15. Consegue, habitualmente, descontrair e divertir-se numa festa animada		
16. Todos os seus hábitos são bons ou desejáveis		
17. Sente-se frequentemente farto		
18. As boas maneiras e a limpeza têm muita importância para si		
19. Costuma ter a iniciativa em fazer novas amizades		
20. Já alguma vez ficou com alguma coisa (mesmo que insignificante) que pertencesse a outra pessoa		
21. Considera-se uma pessoa nervosa		
22. Acha que o casamento está fora de moda e deveria deixar de existir		
23. Consegue facilmente animar uma festa monótona		
24. Já alguma vez partiu ou perdeu algo que pertencia a outra pessoa		
25. Considera-se uma pessoa preocupada		
26. Gosta de cooperar com os outros		
27. Tem tendência para se isolar em situações sociais		
28. Fica preocupado se souber que há erros no seu trabalho		

<sup>6</sup> Traduzido e adaptado de Eysenck & Eysenck (1991, 1996) por Oliveira (2008).

<b>Indique se:</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
29. Já alguma vez falou mal, ou de forma maldosa, de alguém		
30. Considera-se uma pessoa tensa ou muito nervosa		
31. Acha que as pessoas ocupam muito tempo com poupanças e seguros para salvaguardar o futuro		
32. Gosta de se misturar com as pessoas		
33. Quando era criança foi alguma vez atrevido para os seus pais		
34. Fica, durante muito tempo, preocupado após uma experiência embaraçosa		
35. Procura não ser mal-educado com as outras pessoas		
36. Gosta de ter muita animação e alvoroço à sua volta		
37. Já alguma vez fez batota ao jogo		
38. Sofre dos “nervos”		
39. Gostaria que as outras pessoas tivessem medo de si		
40. Já alguma vez se aproveitou de alguém		
41. Conserva-se, geralmente, calado quando está com outras pessoas		
42. Sente-se frequentemente só		
43. Pensa que é melhor seguir as regras da sociedade do que ir pelo seu próprio caminho		
44. As outras pessoas consideram-no uma pessoa bastante animada		
45. Costuma fazer sempre aquilo que diz		
46. Sente-se muitas vezes perturbado com sentimentos de culpa		
47. Deixa, algumas vezes, para amanhã o que deve fazer hoje		
48. Consegue manter uma festa animada		